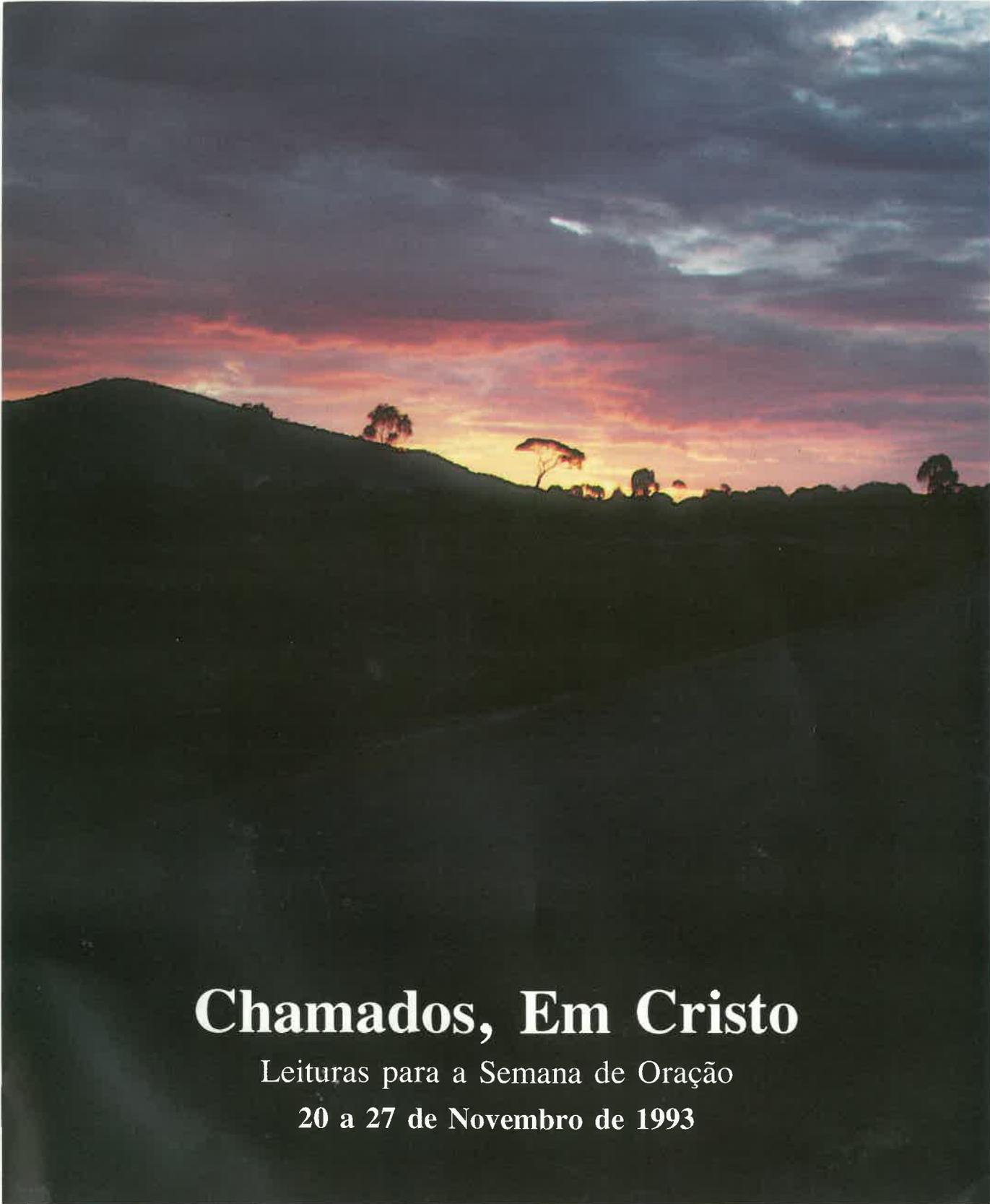


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Outubro de 1993



Chamados, Em Cristo

Leituras para a Semana de Oração

20 a 27 de Novembro de 1993

NESTE NÚMERO

- 2 Chamados, Em Cristo**
Por Robert S. Folkenberg
- 3 Chamados ao Arrependimento**
— Em Cristo
Por Robert S. Folkenberg
- 6 Chamados à Segurança**
— Em Cristo
Por Robert S. Folkenberg
- 9 Chamados à Vitória**
— Em Cristo
Por Robert S. Folkenberg
- 12 Chamados a ser Compassivos**
— Em Cristo
Por Robert S. Folkenberg
- 15 Chamados a Testemunhar**
— Em Cristo
Por Robert S. Folkenberg
- 18 Chamados à Expectativa**
— Em Cristo
Por Robert S. Folkenberg
- 21 Chamados ao Reavivamento**
— Em Cristo
Por Ellen G. White
- 24 Chamados a Triunfar**
— Em Cristo
Por Robert S. Folkenberg
- 27 Para as Crianças:**
Por favor, Deus, Quem és Tu?
Por Malcolm Allen

PENSAMENTO DO MÊS

Há pensamentos que são orações. Há momentos em que, seja qual for a posição do corpo, a alma está de joelhos.

Victor Hugo

Chamados, Em Cristo

Os nossos privilégios e oportunidades como filhos de Deus

Deus chama-nos — que maravilhoso pensamento! Chama-nos a ser Seus, a andar com Ele, a conhecê-l'O, servi-l'O, representá-l'O, a crescer à Sua semelhança. Assim como Jesus, andando um dia junto ao Mar da Galileia, desafiou Pedro, Tiago e João, dizendo-lhes «Segue-me» (Mat. 4:19), do mesmo modo nós ouvimos hoje a Sua voz. E como os antigos pescadores, não haveremos nós de levantar-nos e segui-l'O, deixando tudo?

Prezado amigo: unir-se-á a mim em fervorosa oração, esta semana? Orará por si, para que possa seguir o chamado que Deus lhe faz? Orará por aqueles de nós que fomos chamados à liderança, para que possamos servir no espírito do Mestre? Orará pela Igreja, para que todos possamos avançar unidos em amor e unidade, buscando de todo o coração andar de mais perto com Deus?

Este ano foi-me confiada a responsabilidade de preparar as leituras para a Semana de Oração. Trabalhei muitas horas na sua preparação, porque desejo que este artigos sejam uma bênção para todos. E, ao estudar cada um deles, incitá-lo-ia a ter sempre presente um ponto vital: cada chamado é *em Cristo*. Somente em Cristo nós podemos arrepender-nos, encontrar segurança, ser vitoriosos e compassivos, testemunhar, esperar a Sua vinda, ser reavivados e triunfar. Somente em Cristo — nunca em nós mesmos.

«Em Cristo», eis uma preciosa verdade que aparece muitas vezes nas Escrituras. A Bíblia apresenta duas pessoas que em si mesmas resumem e incluem todos os que já viveram na Terra: Adão e Cristo. «Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão revivificados em Cristo» (I Cor. 15:22). Estamos todos *em Adão* por razão do nosso nascimento — nele, em pecado e em morte. Mas a gloriosa verdade do evangelho é que Jesus morreu por todos nós: nós estávamos *n'Ele*, na cruz! Assim, em Cristo, nós temos justificação e vida.

Enquanto nós O escolhemos a Ele, permaneceremos *n'Ele*. E Ele é poderoso para salvar e poderoso para guardar!

Recomendo-vos a *Revista Adventista*. Ela é o órgão da nossa Igreja e traz-nos não apenas as leituras da Semana de Oração, mas também notícias e artigos de grande inspiração. Cada família deveria receber regularmente a *Revista Adventista*.

Possa esta semana especial aproximar-nos mais do Céu e mais uns dos outros.



Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Outubro de 1993 — Ano L • N.º 557

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publishadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual

1000\$00

Número Avulso

100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83

Chamados ao Arrependimento — Em Cristo

O arrependimento bíblico nunca fica fora de moda

Robert S. Folkenberg

Arrapendei-vos», grita o pregador, postado à esquina da rua, aos estudantes que passam e às pessoas que vão às compras. «*Arrependei-vos ou sereis condenados!*» Mas os transeuntes mal olham para ele e não sentem a menor curiosidade de ouvi-lo. Com a sua aparelhagem de som, que trabalha a pilhas, o pregador continua a dirigir-se ao público, mas isso apenas contribui para aumentar o barulho da cidade. A sua mensagem cai em ouvidos moucos, porque o povo prefere ideias mais agradáveis, como, por exemplo: «Viva à altura de todo o seu potencial humano!» «Não consinta que ninguém o faça sentir-se culpado!» «Não há pecados, há apenas escolhas de estilos de vida.»

Arrepende-se? A única coisa de que alguns acham que têm de arrepende-se é de se terem alguma vez sentido culpados. O arrependimento está definitivamente fora de moda.

Os profetas do Velho Testamento não pensavam que o arrependimento estivesse fora de moda. Eles falaram bastante sobre arrependimento. «Portanto dize à casa de Israel», ordenou Deus a Ezequiel, «Assim diz o Senhor Jeová: Converti-vos de deixai os vossos ídolos; e desviái os vossos rostos de todas as abominações» (Ezeq. 14:6. Outras versões, como a «New International», traduzem: «Arrependei-vos e deixai os vossos ídolos...»).

Alguém poderá dizer: «Eu sei que o Velho Testamento está cheio de chamados ao arrependimento, mas o Novo Testamento introduz a era da graça.»

Mas graça sem arrependimento é, com diz Dietrich Bonhoeffer, «graça barata». Graça sem arrependimento não é graça, mas antes uma caiação de branco. Na realidade, a mensagem do Novo Testamento, a mensagem do evangelho, é também uma mensagem de arrependimento.

- Foi a mensagem de João Baptista: «Arrependei-vos porque o reino de Deus está próximo» (Mat. 3:2).
- Foi a mensagem de Jesus: «Arrependei-vos porque o reino de Deus está próximo» (Mar. 4:17).
- Foi a mensagem dos discípulos: «Saindo eles, pregavam que se arrependessem» (Marc. 6:12).
- Foi a mensagem de Pedro, no Pentecostes: «Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados» (Actos 2:38).
- Foi a mensagem de Pedro a Simão: «Arrepende-te pois dessa tua iniquidade, e ora a Deus» (Actos 8:22).
- Foi a mensagem de Paulo: «Anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judeia, e aos gentios, que se arrependessem e convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento» (Actos 26:20, edição revista e actualizada no Brasil).
- Foi a mensagem de Jesus, através de João, à igreja de Laodiceia: «Eu repreendo e castigo a todos quantos amo: Sê pois zeloso, e arrepende-te» (Apoc. 3:19).

Com efeito, de Génesis 3 a Malaquias 4, de Mateus 1 a Apocalipse 22, a mensagem de Deus ao homem é: «Arrepende-te».

A mensagem de Noé aos escarneceadores, proferida nos degraus que conduziam à arca, não foi: «Vai acontecer-vos algo de muito bom!» Amós não foi expulso da cidade, pelo rei Jeroaboão, por proclamar: «Deus está no céu e tudo vai muito bem neste mundo!» Jeremias não foi colocado na cisterna por pregar: «Eu estou bem, vocês estão bem!» Daniel não foi lançado na cova dos leões por dizer ao povo: «O pensamento positivo moverá montanhas!» João Baptista não foi decapitado por pregar: «Sorri! Deus ama-te!» Em vez disso, a mensagem de todos estes homens de Deus pode resumir-se numa só palavra: «Arrependei-vos!»

Pedro diz que o Senhor «não quer que ninguém se perca, mas que todos venham ao conhecimento» (II Ped. 3:9). As opções são claras: arrependei-vos ou perecereis! O pregador da rua tinha razão num importante ponto, embora a sua técnica pudesse usar um pouco mais de refinamento: «*Arrependei-vos ou sereis condenados!*» Pelo seu pecado, Adão transmitiu-nos naturezas pecaminosas, condenou-nos a um estado de rebelião contra Deus e legou-nos uma inevitável sentença de morte eterna. Nenhuma boa acção, nenhuma vitória sobre maus hábitos podem alterar o facto inexorável de que estamos em rebelião contra a Majestade dos céus, e, por conseguinte, eternamente perdidos.

O arrependimento é boas-novas

É verdade que quando isso é expresso de uma maneira áspera pelo pregador da rua, soa como uma ameaça. Pode dar a impressão de um Deus vingativo. Mas «Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele» (João 3:17). A mensagem de arrependimento na Bíblia é boas-novas. Não é uma má notícia, mas uma notícia boa. Jesus disse: «O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho [as boas-novas]» (Marc. 1:15). O arrependimento é boas-novas porque nos chama a reconhecer que somos pecadores.

Mas porque é bom reconhecer que somos pecadores? Porque é a única forma de reconhecermos a nossa necessi-

dade de um Salvador, a única forma de compreendermos o nosso mundo. Se não acreditamos que a humanidade decaiu da graça e está em pecado, como poderemos compreender a condição do mundo? Como poderemos entender o sentido do que vemos nos noticiários televisivos e do que lemos nos jornais? Se a nossa conduta depravada é «normal», então é óbvio que a humanidade vai acabar por se autodestruir e desaparecer num buraco negro.

A boa notícia quanto ao arrependimento é que Deus tem a solução! E boa notícia é saber que admitir o nosso problema é o primeiro passo para descobrir a solução de Deus. Todo o poder do céu fica disponível para aqueles que escolhem ficar do lado de Deus neste grande conflito dos séculos.

Quando aqueles que sete breves semanas antes se tinham juntado à multidão para gritar «Crucifica-O! Crucifica-O!» ouviram Pedro relatar-lhes a história da cruz, clamaram com angustiante convicção: «Que faremos?», a resposta que receberam foi: «Arrependei-vos!» (Actos 2:37, 38).

Orgulho, simples orgulho, é a razão de o mundo ignorar os chamados ao arrependimento. Poucos admitem, nem mesmo para si próprios, que precisam de mudar. «Rico sou e estou enriquecido, e de nada tenho falta» é a expressão que descreve muitas pessoas dentro e fora da igreja. É muito mais confortável culpar os pais, culpar a hereditariedade, culpar o sistema, culpar uma alimentação inadequada, culpar tudo e todos, mas nunca nos culpamos a nós mesmos. A sociedade ensina-nos que não somos responsáveis se pudermos encontrar alguém ou algo a que atribuir as culpas. Como vêem, o orgulho rejeita o arrependimento como desnecessário e demolidor da auto-estima, em vez de aceitar a prescrição de Cristo para obter paz. Thomas Carlyle disse: «De todos os actos do homem, o arrependimento é o mais divino. A maior de todas as faltas é não ter consciência de nenhuma.»

Já vos aconteceu discutir com um amigo, sobre um determinado assunto, certos de terem razão e vir a descobrir mais tarde que estavam enganados? Já vos aconteceu ter de dizer «Desculpa; eu errei; tu é que tinhas razão!»? Como se sentiram? Eu já tenho perdido a paciência com os meus filhos, já tenho dirigido palavras pouco amáveis à minha mulher, e tenho tido necessidade de lhes dizer: «Desculpa; eu errei!» É uma coisa muito difícil de fa-

zer. O grau de dificuldade que sentimos em nos arrepender é uma medida do nosso orgulho. É este orgulho que nos impede de admitir que errámos, que não procedemos bem.

Às vezes, a conveniência pode forçar-nos a um relutante ou falso arrependimento, o qual, na realidade, não é arrependimento nenhum. Foi um destes falsos arrependimentos que forçou o orgulhoso coração do Faraó: «Então, Faraó mandou chamar a Moisés e a Aarão, e disse-lhes: Esta vez pequei; o Senhor é justo, mas eu e o meu povo ímpios» (Êxo. 9:27).

E Judas: «Pequei», disse ele, «traindo o sangue inocente» (Mat. 27:4).

E Acan: «Respondeu Acan a Josué, e disse: Verdadeiramente pequei contra o Senhor Deus de Israel» (Jos. 7:20). Acerca da confissão de Acan, escreve Ellen White: «Há uma grande diferença entre admitir factos depois que os mesmos foram provados e confessar pecados apenas conhecidos por nós mesmos e Deus. Acan não teria confessado o seu crime se não tivesse esperado com isso evitar as consequências do mesmo. Mas suas confissão apenas serviu para mostrar que o seu castigo era justo. *Não havia genuíno arrependimento do pecado, nem contrição, nem mudança de propósito, nem aversão ao mal.*» (*Patriarcas e Profetas*, p. 498, itálico nosso.)

Deus quer que toda a vida dos crentes seja uma vida de arrependimento.

Todos estes disseram «Pequei». Mas não estavam verdadeiramente arrependidos, porque não se operara neles qualquer mudança de coração. Lamentavam tão-somente terem sido descobertos. São como aquelas pessoas que, multadas por excesso de velocidade, pagam as multas e a seguir compram detectores de radar. Lamentam é ter sido apanhadas e querem ter a certeza de que não vão ser apanhadas outra vez, mas não lamentam exceder a velocidade permitida.

O arrependimento que é dom de Deus vê a verdadeira magnitude do nosso pecado. Quantos pais procuram ensinar o arrependimento aos filhos instruindo-os simplesmente a dizerem «Desculpa» quando fazem algo de errado? Mui-

tas vezes, o que fazem é ordenar: «Muito bem. Agora pede desculpa ao teu irmão!» Uma tal confissão de arrependimento é forçada pela autoridade parental, em vez de resultar da convicção de pecado sentida pelo coração. Quão diferente é o «Desculpa», murmurado entre dentes, do sincero «Desculpa», dito com lágrimas nos olhos e na voz! Não haverá qualquer mudança de vida se o arrependimento for coagido pelo medo das consequências que nos possam advir, em vez das consequências para nosso Senhor. Ambrósio de Milão dizia que o «verdadeiro arrependimento é parar com o pecado». Ellen White também fez notar os resultados do verdadeiro arrependimento: «Este arrependimento, produzido pela influência da divina graça no coração, levará à confissão e ao abandono do pecado.» (*Actos dos Apóstolos*, pp. 324, 325.)

O problema em sentir a pecaminosidade do pecado é que nós vivemos numa sociedade que não só não condena o pecado, mas que também o glorifica. Vivemos numa cultura que se foi acostumando tanto às trevas que já nem repara que as luzes estão apagadas.

A televisão faz alarde de gente que perdeu a faculdade de assombrar-se com as suas próprias acções, que perdeu todo o senso do decoro, que, em vez de arrepender-se dos seus pecados, os ostenta sob o rótulo de «estilos de vida alternativos». Vivemos numa nova Idade das Trevas. Não há qualquer consciência da pecaminosidade do pecado e, conseqüentemente, nenhuma inclinação para arrepender-se. «Assim como não podemos alcançar perdão sem Cristo, assim também não podemos arrepender-nos sem que o Espírito de Cristo nos desperte a consciência.» (*Aos Pés de Cristo*, p. 24.)

O arrependimento segue-se a um sentimento da presença de Deus e à tomada de consciência de que Ele provê a única solução para os nossos problemas. Disse Jesus: «E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim» (João 12:32). Todos nós sentimos o Seu chamado. Escreveu Ellen White: «O pecador pode resistir a esse amor; pode recusar deixar-se atrair para Cristo. Se, porém não se opuser, será atraído.» (*Aos Pés de Cristo*, p. 25.) Como Paulo declarou aos Judeus legalistas: «Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?» (Rom. 2:4). O poder de atracção do Es-

pírito Santo é um dos maiores dons de Deus. Quando Lhe respondemos, tornamo-nos mais sensíveis ao Seu poder e presença.

Arrependimento não é acrescentar um novo comportamento à lista das boas acções que os cristãos fazem. É o resultado de um coração aberto aos apelos do Espírito de Deus. O pecador, «ao contemplar o Cordeiro de Deus na cruz do Calvário, os mistérios da redenção começam a desenrolar-se perante a sua mente, e a bondade de Deus leva-o ao arrependimento.» (*Review and Herald*, 1 de Abril de 1890.)

Marjorie Camper ilustra este princípio numa experiência que teve com seu filho de 6 anos. Num dia de primavera, encontrando-se anbos no jardim, enquanto a mãe procedia a trabalhos de jardinagem, o rapazinho decidiu explorar por conta própria o milagre do crescimento que explodia por toda a parte. Agarrou um botão de narciso, sentou-se no chão e começou a examiná-lo. Então, com as suas mãozinhas, tentou forçá-lo a abrir-se e desabrochar, mas tudo o que viu foi o botão de narciso partir-se em pedaços nas suas mãos. Frustrado, gritou à mãe: «Mamã, olha! Como é que Deus abre isto numa flor?» E antes que a mãe lhe pudesse dar uma resposta, o menino fez a sua própria descoberta: «Ah, já sei! Deus trabalha a partir de dentro!»

O arrependimento é uma semente que cresce no solo do coração e que é aquecida pela presença de Jesus. Não é uma máscara para cobrir os nossos pecados. É um estar pronto a abandoná-los, pelo poder de Jesus. Qualquer arrependimento que seja motivado pelo medo do castigo ou por um desejo de recompensa não é o arrependimento bíblico e não produz verdadeira mudança de coração.

O resultado, natural e essencial, de um arrependimento sentido pelo coração, é a restituição.

«Se pecámos contra o Senhor, nunca teremos paz e restauração ao Seu favor sem completa confissão e reforma em relação às mesmas coisas em que fomos omissos. Até não termos usado todos os meios ao nosso alcance para reparar o mal, Deus não poderá aprovar-nos e abençoar-nos. A vereda da confissão é humilhante, mas é o único caminho pelo qual podemos receber força para vencer.» (*Ibid.*, 22 de Maio de 1888.)

Já vos sentistes culpados de vos terdes ajoelhado junto ao vosso leito, à noite, e fazer uma confissão tipo cober-tor, isto é, uma oração que cobre tudo? «Querido Pai, se eu hoje pequei

contra Ti, perdoa-me.» Este género de orações ritualistas não mostra qualquer remorso pelo pecado e não dá testemunho de quanto os nossos pecados custaram ao Céu. Quando as nossas orações se tornam formalidades hipócritas, em vez de serem o grito de corações quebrantados, nós acabamos por deixar de orar. Tal formalidade era típica no tempo de Martinho Lutero, quando o pecado era visto, por muita gente, como lançamentos numa folha de balanço que Deus guardava no céu, e em que as pessoas podiam intervir através da compra de indulgências. Mas Lutero colocou o pecado no contexto de uma relação. A primeira das 95 teses que ele pregou na porta da igreja de Vitemberga dizia: «Quando o nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo disse ‘arrependei-vos’, Ele queria que toda a vida dos crentes fosse uma vida de arrependimento.»

Através dos olhos de Deus

«E eu», disse Cristo, «quando for levantado da terra, todos atrairei a mim» (João 12:32). O nosso problema fundamental é que vemos o mundo através dos nossos olhos, em vez de o vermos através dos olhos de Deus. Sem consciência do pecado não podemos sentir necessidade de arrependimento. Quando a nossa perspectiva dos valores da vida é mais modelada pelos mercadores do vício do que por Jesus, quando a nossa maneira de ver a vida é mais modelada pelo mundo secular do que pelos valores do céu, quando tudo menos Jesus é exaltado, então o celestial torna-se comum e o eterno perde o seu apelo.

Só podemos consciencializar-nos da pecaminosidade do pecado quando passamos tempo com Jesus, procurando conhecê-lo! O realmente e entender a profundidade do Seu amor por nós, e a Sua mágoa quando d’Ele nos afastamos. Então, a nossa reacção para com as nossas faltas será: «Como posso fazer sofrer Aquele que tanto me ama?» Veremos que não se pode chamar «um simples peccadinho» a nada que possa quebrar a nossa relação com Jesus. O nosso grande deleite será viver em harmonia com Ele.

Uma das histórias bíblicas clássicas sobre o arrependimento é a que Jesus contou, do fariseu e do colector de impostos, em Lucas 18. Jesus disse esta parábola para aqueles que se sentiam confiantes na sua própria justiça e olhavam para os outros com ar superior:

«Dois homens subiram ao templo a orar; um fariseu, e o outro publicano

[cobrador de impostos]. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: ‘Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.’ O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: ‘Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!’ Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado» (Luc. 18:10-14).

A parte da história de que mais gosto é esta: «Ele foi para sua casa justificado.» Há respostas para os problemas que enfrentamos. Há perdão. Há vida nova. Há um novo começo. Ele foi para casa justificado!

A serva do Senhor, comentando esta história, escreveu: «Dizei ao inimigo que sabeis que as vossas vestes estão manchadas de pecado, mas que pela fé reivindicais a justiça de Cristo. Voltai-vos para Jesus e contai-Lhe todas as vossas atribulações. Cristo vê todas as circunstâncias e conhece as vossas tentações e tristezas.» (*Signs of the Times*, 11 de Abril de 1892.)

Gostariéis de ir hoje para casa justificados? O pobre e iludido fariseu queria lembrar a Deus todos os seus pontos bons e assegurar-se de que tudo estava bem com ele. O fariseu voltou para casa com os seus problemas caiados de branco, com uma fina camada exterior de justificação de feitura humana. Se nos escondermos por detrás de uma capa de verniz farisaico, este acabará por rebentar. Todos os que procuram uma vida de dependência do eu, não reconhecendo qualquer necessidade de arrependimento e pretendendo viver separados de Deus, afastam-se de Deus, a fonte da vida.

Assim, o fariseu foi para casa iludido, tendo-se enganado a si mesmo. O cobrador de impostos também foi para casa, mas os seus problemas estavam resolvidos. O seu coração estava leve como uma pena. E vós, de que modo gostariéis de ir hoje para casa? Tomai um momento, neste preciso instante, e dizei a Jesus como gostariéis de ir para casa.

Voltemos a nossas casas com corações leves, e alegres, porque o Senhor foi misericordioso para conosco e nos perdoou! Nós podemos viver na perfeita certeza da salvação, e este será o nosso tema no estudo de amanhã. □

Domingo, 21 de Novembro

Chamados à Segurança — Em Cristo

Como ter a certeza da salvação

Robert S. Folkenberg

Descolei da cidade de Guatemala às 2 horas da madrugada, na Missão Asteque de Piper, com destino a Sacramento, na Califórnia. A rota mais curta para a primeira escala em Acapulco, México, era atravessar 600 milhas de oceano. Ao aproximar-me de Tapachula, a cidade costeira que seria o meu último ponto de referência terrestre durante várias horas, vi que esta se encontrava sob violenta tempestade. Ultrapassei-a pelo lado ocidental e avancei pelo Golfo de Tehuantepec. Porém, logo atrás desta primeira tempestade, vinha uma segunda, seguida de uma sólida linha de mais tempestades. Soube mais tarde que essas tempestades eram a cauda de um tufão, sobre o qual ninguém me informara no meu prévio «briefing» meteorológico de voo. A linha de tempestades dirigia-se para o Hawai, e eu não tinha combustível suficiente para chegar até lá. Da minha asa direita, via nuvens de 50.000 pés, lançando relâmpagos, e o meu medo era que acabasse por ser obrigado a voar pelo meio delas.

Quando o meu rádio de bordo indicou que me encontrava sobre o Pacífico, exactamente a oeste de Acapulco, então não tive outra alternativa senão voar directamente pelo meio da tempestade. Escolhi uma área de nuvens em que não tinha havido relâmpagos durante algum tempo e avancei para o meio da escuridão. O meu indicador vertical de velocidade estava como que pregado nos traços superiores que excediam os 6.000 pés por minuto (60 milhas/100 Km por hora), seguido de repente por bruscas descidas aos traços inferiores, com a mesma intensidade.

Os relâmpagos finalmente explodiram com tanto brilho que fiquei cego, sem conseguir ver os instrumentos. Durante alguns breves minutos tive de depender apenas do ruído dos motores para controlar o avião. Que alívio senti quando, cerca de quinze minutos mais tarde, me encontrei a voar em plena clareza, do outro lado da tempestade!

Sentir-se fisicamente inseguro é bastante mau, mas sentir insegurança espiritual é ainda pior. David sentiu-se espiritualmente inseguro depois do seu adultério com Batsheba. E o mesmo sentiu Saul ao procurar a feiticeira de Endor. Às vezes sentimo-nos assim em resultado de um pecado específico, mas, mais frequentemente, o que sentimos é uma vaga ansiedade, que nos leva a interrogarmo-nos sobre se sim ou não vamos conseguir chegar ao reino de Deus.

Já ouviram falar de um «seguro contra todos os riscos»? É uma apólice de seguro que cobre tudo, tal como um cobertor. Mas em vez de um seguro que cubra tudo, nós precisamos de uma «segurança que cubra tudo». Precisamos de sentir que em Cristo temos completa cobertura de segurança.

Ontem reflectimos sobre o arrependimento como uma resposta sincera que brota do coração daqueles que, sob a influência do Espírito Santo, reconhecem que a consequência da sua condição pecaminosa é o isolamento eterno de Deus, mas que aceitam pela fé o incondicional amor e perdão de Deus. Tal arrependimento, vindo de um coração cheio de Jesus, traz segurança espiritual à vida dessa pessoa.

Deus deseja que o Seu povo se sinta

seguro no Seu amor. Quando não possuimos a certeza da salvação, somos confrontados com sentimentos de ansiedade e culpa. Jesus oferece-nos uma apólice de segurança total. «As minhas ovelhas», disse Ele, «ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem. E dou-lhes a vida eterna, nunca hão-de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão» (João 10:27, 28).

Isto é segurança celestial: «Ninguém as arrebatará da minha mão.» Talvez alguns adventistas do sétimo dia sintam relutância em usar este texto porque há pessoas que o usam para ensinar que «uma vez salvo, salvo para sempre» — isto é, que uma vez salvas, é impossível que se percam. Embora seja verdade que ninguém pode arrebatar os crentes da segurança que encontram em Cristo, eles certamente podem decidir afastar-se dessa segurança. O que Jesus nos assegura é que nenhum poder no céu ou na terra nos pode afastar da segurança que temos n'Ele enquanto O escolhemos a Ele. Nós podemos decidir abandoná-l'O, mas ninguém pode forçar-nos a abandoná-l'O. Enquanto escolhermos permanecer em Cristo, estaremos seguros.

Fé perseverante

A justificação que nos qualifica para o céu, agora e no Juízo, está sempre em Cristo, e nisso Satanás não pode tocar. «Tanto o nosso título para o Céu, como nossa idoneidade para ele, encontram-se na justiça de Cristo.» (*O Desejado de Todas as Nações*, Lisboa, Publicadora Atlântico, ed. de bolso, pp. 283.) Mas a fé que torna a justificação efectiva encontra-se em nós, não no Céu. É esta fé ou confiança em Deus que Satanás se esforça por destruir. Enquanto perseverarmos na fé, a nossa segurança em Cristo estará garantida. É por isso que Jesus diz que apenas os que perseverarem até ao fim serão salvos (Mat. 10:22).

Numa noite sem estrelas, escura como breu, o meu filho Bob e eu descemos de uma cabana na pequena ilha San Blas de Pidertupo e caminhámos através de uma estreita vereda em direcção à nossa própria cabana. Quando o Bob chegou lá acima e pôs a sua mãozinha na minha, ele disse: «Papá, tenho medo, não consigo ver.» Pouco depois, sentindo a sua mão bem segura na minha, ouvi-o dizer docemente para consigo: «Bom, agora já consigo ver!» O Bob perdeu o medo quando se sentiu seguro.

Não é da vontade de Deus que andemos numa insegura corda bamba, balançando no caminho em direcção ao Céu, sem termos a certeza se Ele nos abre ou não a porta, quando lá chegarmos. Convidar-nos-ia Deus a que nos «cheguemos pois com confiança ao trono da graça» (Heb. 4:16) para depois nos deixar na incerteza, sem sabermos se Ele nos aceita ou não? Diz Jesus: «O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora» (João 6:37), para depois, quando vamos a Ele, nos deixar perturbados, sobre se nos aceitará ou rejeitará? Inspiraria Deus João a dizer «Estas coisas vos escrevi para que saibais que tendes a vida eterna e para que creiais no nome do filho de Deus» (I João 5:13), para depois nos tirar essa certeza como um tapete que se puxa sob os nossos pés?

Alguns poderão dizer: «Sabemos que Deus é fiel, mas a nossa insegurança não se baseia no que Jesus disse, mas sim no que nós fazemos! A verdadeira fonte da nossa incerteza não é Jesus, mas o nosso pecado! Sabemos que quando recebemos a Cristo a salvação é um dom, mas o que acontece com as faltas que cometemos depois?»

Cadeiras musicais

Este problema surge quando o evangelho é entendido como boas novas condicionais. Essa maneira de pensar lembra-me o jogo do toca-e-foge. Se somos tocados quando o jogo termina, perdemos. Se resvalamos quando a cortina se fecha, se estamos derrotados quando a provação termina, então poderemos muito bem estar perdidos. Deste ponto de vista, o jogo da vida parece ser como um jogo de cadeiras musicais. O que é mais importante é estar perto de uma cadeira quando a música parar, isto é, ter os nossos pecados confessados antes de morrer. Esta maneira de compreender a salvação mantém-nos na corda bamba da incerteza, sem nunca estarmos seguros da nossa posição em relação a Deus.

Quando morrermos, seja por desastre de carro ou seja de cancro, a nossa salvação será mais determinada pela nossa vida e sua direcção do que por um erro ou pecado singular. Porque, se a salvação dependesse de evitar certos comportamentos, então encontraríamos segurança evitando totalmente esses comportamentos. E a lista desses comportamentos pode ser longa, como o testemunham as infidáveis leis do Tal-

mude Judaico. Mas se o pecado é mais do que mero comportamento, se o pecado é perder a fé em Deus, então a nossa segurança provém de manter uma correcta relação com Deus. Essa relação provirá a direcção espiritual da nossa vida. E relação e direcção provirão certeza em Cristo. Escreveu Ellen White: «O carácter revela-se, não por boas ou más acções ocasionais, mas pela tendência habitual das palavras e dos actos.» (*Aos Pés de Cristo*, p. 56.)

O evangelho é simples. Vamos a Jesus, confessamos-Lhe os nossos pecados e pedimos-Lhe poder para viver para Ele cada dia, e fé para aceitar a Sua promessa de que Ele nos aceita. Jesus cobre-nos com a Sua justiça e assegura-nos de que completará a obra de graça que Ele começou em nós. Quando, durante o dia, caímos, voltamo-nos imediatamente para Ele e Ele perdoa-nos e dá-nos paz.

Um homem conduzia um dia o seu camião quando viu na estrada alguns rapazes a pedir boleia, com pesadas mochilas às costas. Parou e perguntou-lhes se queriam ir de camião. Eles disseram que sim e subiram para as traseiras do camião, muito agradecidos. O condutor retomou a marcha. Alguns momentos depois reparou que os rapazes ainda estavam com as mochilas às costas; por isso voltou a parar e disse-lhes que podiam tirar essas pesadas cargas e viajar mais confortavelmente. Um dos rapazes respondeu: «Não, o senhor já fez bastante em nos trazer. O menos que nós podemos fazer é transportar as nossas bagagens!» Esses tontos rapazes pensavam que estavam a fazer um favor ao camionista carregando as suas mochilas.

Quantos de nós pensam da mesma maneira quando se trata do dom da vida eterna? Jesus dá-nos a vida eterna, mas nós insistimos em carregar os nossos fardos. Entramos no camião, a igreja, mas nunca depomos os fardos da culpa, do pecado e da incerteza aos pés da cruz. A boa notícia é que Jesus nos dá vida eterna — hoje. Exaltamos Cristo e a Sua justificação confiando n'Ele neste preciso momento.

O Espírito de Profecia diz: «A vida em Cristo é uma vida de paz, de serenidade. Pode não haver êxtase dos sentidos, mas traz-nos uma confiança serena e constante. A vossa fraqueza está unida à Sua força, a vossa ignorância à Sua sabedoria, a vossa fragi-

lidade ao Seu eterno poder.» (*Ibid.*, p. 68.)

Através da história, sempre tem havido abordagens opostas no que se refere à certeza em Cristo. Um grupo tem realçado a obediência como sendo a nossa parte na experiência da salvação. Essas pessoas receiam que falar de «certeza da salvação» ou «segurança em Cristo» leve a uma «graça barata» e a uma inadequada tolerância de contínuo comportamento pecaminoso. O outro grupo tem realçado a parte de Deus na salvação. Temem que falar de obediência e de vida cristã vitoriosa leve a insegurança, a não ter a certeza da salvação nem paz de espírito.

Ellen White aconselhou ambos os grupos. Por um lado, escreveu: «Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos. Isto é enganoso.» (*Parábolas de Jesus*, p. 155.)

Por outro lado, ela escreveu: «Não façamos do nosso eu o centro dos nossos pensamentos e não nos deixemos invadir pelo temor a respeito da nossa salvação.» (*Aos Pés de Cristo*, p. 68.) E escreveu também: «O pecador que vem a Cristo com fé é unido alma a alma ao seu Redentor, unido com sagrados laços a Jesus.... Pela fé e experiência, ele tem confiança que Jesus não apenas o salvará, mas que o salvará até ao fim. Esta confiança traz à sua alma uma segurança permanente, uma paz e alegria que excedem todo o entendimento.» (*Signs of the Times*, 3 de Agosto de 1891.)

A resposta à nossa preocupação quanto à certeza da salvação está em manter a nossa atenção fixa em ambas as posições.

A ideia de que ninguém pode arrebatá-lo dos salvos das mãos de Jesus devia ser de grande conforto para nós: «Meu Pai, que m'as deu, é maior do que todos, e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai» (João 10:29). Este é um quadro de Deus abrigando-nos nas Suas mãos. E isso deveria dar-nos a certeza da nossa salvação. Deus deseja que saibamos em que ponto nos encontramos na nossa relação com Ele. Tal como o Bob na escuridão da noite, também nós precisamos de sentir-nos seguros.

Mas para os filhos de Deus seria uma aberração afirmarem segurança em Cristo e simultaneamente persistirem intencionalmente em pecado. Ou, mais

perigoso ainda, se tentassem justificar um estilo de vida contrário às expectativas de Deus e ao desenvolvimento espiritual pessoal. A segurança em Cristo não pode nunca tornar-se uma licença seja para a licenciosidade, seja para a letargia espiritual. «Justiça é fazer o bem, e é pelos actos que todos serão julgados. O nosso carácter é revelado pelo que fazemos. As obras mostram se a fé é genuína.» (*Parábolas de Jesus*, p. 312.)

Em certos aspectos, a experiência da nossa salvação é como um casamento. Certamente que num casamento nem tudo é sempre perfeito, mas se alguém não responder: «Espero que sim», ou «Faço o possível para isso», ou «Tento sê-lo». Nós estamos casados com Cristo, e, quando nos perguntam se temos a certeza da nossa relação, não podemos dizer: «Acho que sim», ou «Estou a fazer o possível para isso». A insegurança diminui o dom de Deus da justificação.

Permitam-me que lhes pergunte: A salvação é-nos dada devido às nossas boas obras? Foram dadas as boas-vindas ao filho pródigo devido às suas boas obras? A resposta é: Não! A salvação baseia-se em graça e não em boas obras. Nós fomos reconciliados com Deus pela morte do Seu Filho quando ainda éramos pecadores, ou, como escreveu Paulo, «fracos» [sem poder], «ímpios», «pecadores», «inimigos» de Deus (Rom. 5:6-10). Nós vamos a Deus tal qual estamos.

Ora, se não recebemos a salvação pelas nossas boas obras, perdemo-la pelas nossas más obras? A resposta é sim e não. Os actos pecaminosos são tanto o *resultado inevitável* como a *prova* de uma relação com Deus quebrantada. A pura verdade é que perdemos a salvação quando perdemos a fé no nosso Salvador. Como diz Paulo, «tudo que não é de fé é pecado» (Rom. 14:23). A salvação não depende do comportamento, mas da fé. Os actos pecaminosos são sintomas da doença do pecado.

Será, então, que Deus não faz caso do pecado ou aprova a conduta pecaminosa? Pelo contrário. Ele provê forças do Céu para nos dar a vitória sobre o pecado. No entanto, a doença do pecado tem de ser curada por uma relação de fé com Jesus. Quando a nossa relação com Ele é o que há de mais importante nas nossas vidas, então, através do poder do Espírito Santo que

habita em nós, o resultado será uma vida cristã de obediência, que vence o pecado.

Por favor, entendam que não estou a sugerir que o comportamento não é importante. As manchas do sarampo são muito importantes. Dizem-nos que algo está mal e devemos ir ao médico. De modo semelhante, as más obras dizem-nos que algo vai mal e precisamos de ser curados por Jesus. Quando, atraídos pelo Espírito Santo, vamos a Jesus, com corações quebrantados em arrependimento, Ele perdoa-nos e concede-nos poder para vencer.

Medicina preventiva

A melhor notícia é que não temos de esperar até cair em pecado para ir a Jesus. Ele oferece-nos a medicina preventiva de uma relação diária com Ele. Lembrem-se de João 10:27-29: «As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão-de per-

Ao nos apegarmos às promessas de Deus, estaremos tão seguros como se estivéssemos dentro da cidade de Deus.

recer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que m'as deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai.»

Disse Ellen White: «A mensagem que Deus me deu para nós é que 'o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora' (João 6:37). Se não tendes nada mais para apresentar a Deus do que esta promessa de vosso Senhor e Salvador, tendes a certeza de que nunca, nunca sereis rejeitados. Pode parecer que estais pendentes de uma única promessa, mas apropriai-vos dessa promessa e ela vos abrirá toda a casa do tesouro das riquezas da graça de Cristo. Apegai-vos a essa promessa e estareis seguros. 'Aquele que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora.' *Apresentai esta certeza a Jesus e estareis tão seguros como se estivésseis dentro da cidade de Deus.*» (*Manuscript Releases*, vol. 10, p. 175; itálico nosso.)

Poderíamos ter uma promessa mais

maravilhosa do que esta? Ao nos apegarmos às promessas de Jesus, estamos «tão seguros como se estivéssemos dentro da cidade de Deus».

Conta-se a parábola de um pai que tinha dois filhos gémeos. Eram o seu orgulho. Desejando tomar providências para garantir o seu futuro, o pai estabeleceu um fundo financeiro no seu testamento, de modo a que tivessem dinheiro suficiente quando o necessitassem para organizar as suas próprias famílias.

No âmbito desse legado, havia uma provisão para que quando os rapazes fizessem 21 anos lhes fosse dado um carro novo. Deviam dirigir-se ao concessionário local da Mercedes-Benz e escolher o carro que quisessem. O pai morreu antes de os filhos terem 21 anos.

Tom, um dos filhos, no dia em que fez 21 anos, foi ao advogado que administrava o testamento e perguntou-lhe se era verdade que podia levantar um Mercedes-Benz à sua escolha, no representante da marca. O advogado disse-lhe que sim, que era verdade.

A seguir, ele dirigiu-se à Ordem dos Advogados para obter informações sobre o advogado encarregado de gerir o fundo estabelecido por seu pai. Soube que aquele advogado era de facto um bom advogado, em boas relações com a sua Ordem.

Contudo, Tom, ainda não satisfeito, foi à biblioteca nacional para estudar testamentos e legados. Descobriu que havia casos em que parentes contestavam testamentos e disposições financeiras legais, e até os anulavam. Esta informação preocupou aquele filho, que decidiu estudar o assunto ainda mais aprofundadamente. Estudou durante semanas e meses os problemas que alguns filhos tinham tido com os testamentos dos pais.

Em pouco tempo ele tornou-se uma autoridade em testamentos e disposições financeiras contestadas. Descobriu muitas maneiras como estes podiam ser anulados e ficou cada vez mais inseguro sobre se algum dia conseguiria levantar o seu Mercedes-Benz. Telefonou de novo ao advogado e fez-lhe uma série de perguntas.

O testamento tinha sido devidamente testemunhado? Tinha sido registado no notário? O seu pai tinha rubricado todas as páginas do testamento? Não faltava nenhuma página? A todas as perguntas, ele recebeu resposta satisfatória e por isso perguntou se nenhum

outro familiar tinha contestado o testamento ou tentado adiar a sua execução. «Ninguém o contestou», respondeu o advogado. Haveria no fundo financeiro recursos suficientes para cobrir o custo de um novo Mercedes-Benz? «À vontade», informou o advogado. Tom desligou o telefone e interrogou-se sobre se valeria a pena correr o risco de ir ao representante do carro. Entretanto, passaram-se alguns meses.

Uma tarde, Tom saiu de casa muito perturbado. É que havia um ano que completara os seus 21 anos e ainda não tinha um Mercedes-Benz novo. Quando caminhava pela rua, viu o seu irmão Bill, que já não via desde que o pai morrera. Bill ia ao volante de um belo Mercedes-Benz.

— Onde é que o arranjaste? perguntou Tom.

— Ora, no fundo financeiro que o pai nos deixou! Não sabias? O advogado não te disse?

— Sim, replicou Tom, mas eu nunca

tive muitas certezas sobre isso. Sabes, há uma grande quantidade de testamentos que são contestados em tribunal!

— Olha, disse Bill, o pai deixou instruções no testamento de que a oferta de um carro novo só era válida por um ano. Agora já é demasiado tarde. Já passou o ano!

— Eu sabia que isto não ia dar certo! disse Tom. Eu bem sabia que alguma coisa havia de correr mal!

A promessa está lá, meus amigos. Não esperem mais tempo nenhum. Não aproveitaremos a promessa de Deus agora? Nós exaltamos Cristo e a Sua justificação reivindicando a Sua Pessoa, as Suas promessas e a segurança que Ele provê para cada um de nós. Regozigemo-nos pois no Senhor «e outra vez vos digo, regozijai-vos» (Fil. 4:4).

Assim, a caminhada do cristão começa com o arrependimento, e o arrependimento leva à segurança em Cristo. Com essa segurança vem uma vida de vitória. Sobre isso aprenderemos mais amanhã. □

tro. Até a Bíblia nos deixa perplexos. Por um lado, a vontade de Deus para nós é expressa da seguinte maneira em Mateus 5:48: «Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.» Por outro lado, nós identificamo-nos com Paulo: «Sabemos que a lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço» (Rom. 7:14, 15).

Pensamos que sabemos o que devemos fazer, mas não temos poder para o fazer. Seja um comportamento perturbador que não conseguimos vencer, ou um bom comportamento que gostaríamos de introduzir nas nossas vidas, parece que realmente não possuímos poder para isso. A vitória escapa-nos. Esse ciclo desanimador acaba por levar-nos a concluir que há duas razões possíveis para a nossa contínua derrota. Ou (1) nós não somos suficientemente sinceros ao orar por vitória — a culpa é nossa! Ou (2) Deus não está disposto a dar-nos a vitória — a culpa é de Deus!

Na realidade, não podemos culpar a Deus e por isso ficamos com a outra conclusão possível: nós não somos suficientemente sinceros quando oramos por vitória! A culpa é nossa. Agora, além de termos o primeiro problema com que lutar, temos o problema adicional de não ter suficiente fé para nos livrarmos do problema.

Através da história cristã, a justificação e a santificação têm sido o tema de muitos livros. Eu acho que a definição de duas palavras poderia levar-nos mais perto de obter a vitória nas nossas vidas. Essas palavras são «pecado» e «justiça».

O que é o pecado? A Bíblia diz-nos: «Todo o que comete pecado transgreda a lei, porque o pecado é transgressão da lei» (I João 3:4; versão Difusora Bíblica, Lisboa, 1964). O que é a lei? A maioria de nós pensa imediatamente nos Dez mandamentos.

A nossa conclusão é, por conseguinte, que para evitar o pecado, ou a transgressão da lei, nós temos que não cometer alguns actos pecaminosos específicos. Definimos a vitória sobre o pecado como sendo evitar determinadas más acções: «Não roubar, não matar, não cometer adultério, não cobiçar ou dizer falso testemunho».

Se esta é a nossa compreensão de pecado, e se temos de ser «perfeitos» co-

Segunda-feira, 22 de Novembro

Chamados à Vitória — Em Cristo

Perfeitos n'Ele

Robert S. Folkenberg

João luta com pensamentos lascivos. Ele tem orado frequentemente para Deus o libertar, mas a sua luta continua. Parece que Deus não responde à sua oração por vitória sobre os seus pensamentos. O que é que João deve fazer?

Amélia luta contra o seu apetite. Ela possui peso a mais e pediu a Deus para lhe tirar o apetite, mas não tem tido êxito. Parece que todas as vezes que é tentada, fraqueja, e a tentação parece estar mesmo à mão! Amélia está fican-

do cada vez mais desanimada e chega à conclusão de que a sua incapacidade de vencer o apetite significa que Deus também desistiu dela.

Fred tem o sentimento de que não é suficientemente bom. Por mais que faça pela igreja, por mais dinheiro que dê, não consegue ter a paz que ele acha que as outras pessoas têm. Fred assiste regularmente às reuniões da igreja, mas continua a achar que Deus não o aceita.

Estes exemplos retratam dilemas que todos enfrentamos, num grau ou nou-

mo é perfeito o nosso Pai Celestial» (Mat. 5:48), então torna-se claro que a única solução é parar de cometer esses actos pecaminosos. A estratégia que usamos para alcançar este objectivo é fazer uma lista dos pecados e ir-lhes dando baixa à medida que deixamos de os cometer. Quanto mais coisas deixarmos de fazer, mais perfeitos seremos, até que, finalmente, haveremos cessado de cometer actos pecaminosos — e pronto, eis-nos santificados!

Uma tal abordagem define o bem como sendo o evitar o mal, a maldade. Além disso, encoaja um quadro do bem apontando a maldade nos outros. O que precisamos de compreender é que, se bem que acções pecaminosas sejam pecado, o problema do pecado é muito mais sério do que uma lista de más acções. O pecado, entendido como simples actos pecaminosos, descreve um quadro incompleto, que não tem como resultado cristãos confiantes, regozijando-se numa vida vitoriosa.

Uma estratégia que se limite a evitar pecados para se ser vitorioso tem como resultado nós imaginarmos que quantos mais pecados vencermos, mais perfeitos seremos e, é lógico concluir, quanto mais perfeitos formos, de menos graça precisaremos. Quem sabe se não conseguiremos ser tão perfeitos que já nem precisemos da graça e estejamos prontos para a transladação!

Em vez de uma tal abordagem, permitam-me que sugira que o problema não são «os pecados». O problema é o *pecado*. A solução não é simplesmente deixar de pecar. Sim, isso está certo, mas eu disse que a solução não é simplesmente parar de cometer actos pecaminosos, mas sim libertarmo-nos do *pecado*.

Os nossos actos pecaminosos são apenas um sintoma do problema. O verdadeiro problema do pecado reside na nossa natureza. Como Paulo o descreve, «mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros» (Rom. 7:23). É isto que o leva a clamar: «Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?» (v. 24). É evidente que o nosso problema do pecado é muito mais sério do que actos pecaminosos. Para esvaziar uma sala da sua escuridão, nós não agarramos em mãos-cheias de escuridão e as atiramos para fora da sa-

la. Acendemos uma vela. A solução para o pecado na vida é acender a vela e não pormos em foco as trevas. Centrar-se nos actos pecaminosos deixa-nos no dilema de Jeremias: «Pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso também vós podereis fazer o bem sendo ensinados a fazer o mal» (Jer. 13:23).

Quando abordamos a necessidade de uma vida vitoriosa procurando deixar de cometer pecados, acontece uma de duas coisas: ou conseguimos, ou não. Se conseguimos, ou pelo menos se achamos que conseguimos, tornamo-nos modernos fariseus. Se não conseguimos, como o João, a Amélia ou o Fred, então ficamos perdidos em desespero e desesperança. Como vêm, o *pecado* não é uma simples lista de acções que devemos evitar. É uma condição da nossa natureza pecaminosa. Paulo diz que nós estamos por natureza mortos em ofensas e pecados e somos filhos da ira (Efés. 2:1-3).

O pecado está enraizado no mais profundo interior do nosso ser — nos nossos corações. Este facto está patente em todo o Velho Testamento. Como diz também o profeta Jeremias, «Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso: quem o conhecerá?» (Jer. 17:9). Cada um de nós, se olharmos bem no interior do nosso coração, verá maus pensamentos e motivações e encontrará uma condição que não é capaz de alterar, tal como o leopardo não pode mudar as suas manchas. Ora isso não é uma simples má acção do passado, que possamos esconder dos olhos perscrutadores do mundo e de Deus, mas a prova de que nem sequer reconhecemos a gravidade do nosso problema. *Pecado* não é uma acumulação de obras de que possamos emendar-nos, uma por uma. *Pecado* é uma condição dos nossos corações, que se torna evidente através do nosso comportamento pecaminoso.

O que é o pecado? Não é uma acumulação de lapas de que nos desembaraçamos raspando a casca do nosso eu basicamente bom. O pecado nas nossas vidas é como a pele de uma cebola. No fim de contas, não vale a pena ir retirando camadas a uma cebola, porque a cebola é precisamente constituída de camaradas sobre camadas. Descascar um pecado de cada vez deixamos um outro pecado com que contender.

Como sarampo

Lidar com o pecado é como lidar com um caso de sarampo. Se a nossa preocupação com a doença é a nossa aparência, então podemos aplicar um creme de maquilhagem que o cubra e parecer que não temos sarampo. Esse creme pode fazer-nos parecer perfeitamente saudáveis, embora continuemos a ter essa doença.

Se, pelo contrário, quisermos tratar da doença, então as manchas não serão a nossa principal preocupação, mas sim a própria doença.

Se o pecado fosse apenas uma acção, ou um comportamento, então nós poderíamos tentar corrigi-lo; um aspecto do nosso comportamento de cada vez. Mas o pecado é uma doença, e por isso temos de atacar a infecção. O *pecado* está no centro da nossa natureza e tem de ser curado através de um transplante de coração, e não com maquilhagem. A vitória sobre o *pecado* tem de vir em primeiro lugar. É isso que conduz à vitória sobre o viver pecaminoso.

A segunda palavra que precisa de ser definida é «justiça». Da mesma maneira que temos tendência a considerar o pecado como sendo os erros que cometemos ou como as más acções que precisamos de eliminar, consideramos a justiça como sendo boas acções a ser acumuladas ou a ausência de más acções.

Temos a tendência de considerar a justiça do mesmo modo que o jovem rico a considerou. «E perguntou-lhe um certo príncipe, dizendo: Bom Mestre, que hei-de fazer para herdar a vida eterna?» (Luc. 18:18). O que ele estava a dizer a Jesus era o seguinte: «Eu já tenho feito uma série de boas acções, mas deve haver pelo menos mais alguma coisa que eu possa acrescentar à grande lista das minhas boas acções.»

Mas assim como o *pecado* não é uma mera acumulação de actos pecaminosos, a *justiça* também não é uma acumulação de acções correctas ou uma lista de más acções que se venceram. A santificação não é uma questão de reparação, não é um pequeno concerto com algumas atitudes intermitentes, não é a soma de algumas boas acções ou sequer a subtracção de algumas más acções. A santificação começa com o transplante de um órgão: os nossos corações de pedra e corruptos são substituídos por corações novos, nascidos de novo.

A vitória sobre o pecado não é como a descoberta de uma nova ferramenta que nos vai ajudar a fazer ajustes no carácter. Nem a vitória sobre o pecado é a descoberta de um novo instrumento para raspar as lapas da casca do nosso eu essencialmente bom. O que Deus quer fazer nas nossas vidas é algo totalmente novo e não um simples conserto. Onde está a vitória? Não está em abandonar simplesmente o viver pecaminoso, ou em somar acções justas. A vitória está no coração transplantado. Deus promete: «Dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne» (Ezeq. 36:26). Este novo coração está cheio de fé em Deus, e não de rebelião contra Deus. Diz Paulo: «Tudo que não é de fé é pecado» (Rom. 14:23). Se não provém da fé, não vem de um coração transformado, logo é pecado.

O nosso enfoque não deve estar meramente em nos livrarmos de um viver pecaminoso ou em acumular acções justas, mas sim em construir uma relação de fé com Jesus. Como diz Ellen White, «Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos. A vontade, refinada, santificada, encontrará seu mais elevado deleite em fazer o Seu serviço. Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, nossa vida será de contínua obediência. Mediante o apreço do carácter de Cristo, por meio da comunhão com Deus, o pecado se nos tornará aborrecível. Como Cristo viveu a lei na humanidade, assim podemos fazer, se nos apegarmos ao Forte em busca de força.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 642.)

Paulo disse-nos que Cristo é a nossa justiça e a nossa santificação, quando escreveu: «Mas vós sois d'Ele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção» (I Cor. 1:30).

Uma promessa para aprender de cor

Deveríamos aprender de cor esta inspirada promessa: «E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o

vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará» (I Tess. 5:23, 24).

Deus chama cada um dos Seus filhos e filhas a viver uma vida santificada, e promete que Ele mesmo «o fará» em nós, dia a dia, pelo poder do Espírito Santo. A nossa parte consiste em convidá-l'O a habitar nas nossas vidas a cada momento de cada dia. Cultivemos o hábito de orar sem cessar. Ao acordarmos de manhã, o nosso primeiro pensamento deve ser para Ele. Agradecemos-Lhe por estar vivos e no uso das nossas faculdades e a seguir convidemo-l'O a entrar nas nossas vidas, através do Seu Espírito, para tomar conta dos nossos pensamentos e palavras e sentimentos e acções desse dia.

«Não é bastante crermos que Jesus não é um impostor e que a religião da Bíblia não é uma fábula artificialmente composta. Podemos crer que o no-

A santificação começa com o transplante de um órgão, e não com uma reparação ou conserto

me de Jesus é o único debaixo dos Céus pelo qual devemos ser salvos, e contudo podemos não torná-l'O pela fé no nosso Salvador pessoal. Não é bastante fazer profissão de fé em Cristo, e ter nosso nome registado no rol da igreja. 'Aquele que guarda os Seus mandamentos n'Ele está, e Ele nele. E nisto conhecemos que Ele está em nós, pelo Espírito que nos tem dado.' 'E nisto sabemos que O conhecemos: se guardamos os Seus mandamentos' (I João 3:24; 2:3). Esta é a evidência genuína da conversão. Qualquer que seja a nossa profissão, nada valerá se Cristo não for revelado em obras de justiça.» (*Parábolas de Jesus*, pp. 312, 313).

Cada manhã, ao lermos a Sua Palavra, passemos em revista, uma vez mais, as Suas promessas: «Aquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória» (Ju-

das 24), e «Mas fiel é o Senhor, que vos confortará, e guardará do maligno» (II Tess. 3:3). Sublinhai estes textos que revelam o propósito do ministério do nosso Sumo Sacerdote através do Espírito Santo nas nossas vidas.

Pedi a Jesus

Talvez alguém diga: «Eu sei que devia fazer todas estas coisas, mas não faço. Devia acordar mais cedo e orar, e estudar, mas não o faço. Devia manter os meus olhos fixos em Jesus, mas não o faço. O que é que eu posso fazer?» Pedir-Lhe! Pedi-Lhe para vos acordar. Pedi-Lhe que vos faça desejar segui-l'O. Pedi-Lhe que vos faça desejosos de manter os vossos pensamentos n'Ele. Ouçam esta promessa escrita pela pena de Ellen White: «Estas divinas alturas, o verdadeiro crente pode alcançar. Todos os que quiserem podem ver o mistério da piedade. Mas é apenas através de uma compreensão correcta da missão e obra de Cristo que é trazida ao nosso alcance a possibilidade de ser completo n'Ele, e aceito no Bem-amado. O Seu longo braço humano abraça toda a família humana; o Seu braço divino abraça o trono do Infinito, para que o homem possa ter o benefício do infinito sacrifício feito em seu favor. E a todos quantos O receberem, Ele dá-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem no Seu nome.» (*Review and Herald*, 18 de Julho de 1899.)

Uma vez uma mulher desejou ter uma casa limpa e para isso foi à loja e comprou toda a espécie de produtos de limpeza. Comprou sabão, detergentes para lavar a roupa, produtos para limpar a casa de banho, escovas, vassouras, panos, esfregões e todos os desinfectantes que conseguiu arranjar.

Ela limpou, desinfecou, impregnou e esfregou tudo na casa e esta ficou tão limpa quanto era possível. E ela sentiu-se contente até que um dia o filho chegou da escola e trouxe uma grande lente de aumentar que um amigo lhe emprestara. «Olha para isto, mamã», disse ele ao colocar a lente junto à parede. Então ela viu que o que parecia limpo a olho nu, no fim de contas, não estava assim tão limpo.

Então, ela redobrou os seus esforços e esfregou tanto em algumas superfícies que teve de comprar uma lata de tinta para pintar de novo as paredes. Depois desse trabalho tudo parecia tão limpo e tão bonito! E de novo ela se

sentiu contente, até ao dia em que o filho trouxe da escola um microscópio que lhe tinham emprestado no laboratório de ciências. Ele colocou o microscópio junto a um pouco de pó que descobriu num canto debaixo da cama.

— Olha, mamã, vem ver isto!

A mãe olhou e viu no microscópio deslizarem milhares de partículas de pó.

— Onde é que arranjaste isto? gritou ela.

— Debaixo da tua cama, respondeu a criança, inocentemente.

Como poderia ela ter a casa limpa se havia pó escondido debaixo dos móveis? Por isso ela vendeu todos os móveis da sua casa. E de novo, com lixívia e desinfectantes, ela limpou escrupulosamente todos os cantos da casa. E finalmente, esta estava tão limpa quanto possível e cheirava como se fosse um hospital. Claro que também estava vazia, porque a família não podia viver lá sem mobília. Tiveram de mudar-se para um apartamento na mesma rua. A casa lá estava, desabitada, mas limpa.

Pelo menos ela julgava que estava limpa, até ao dia em que lá meteu a cabeça, só para sentir o que era estar numa casa limpa, e descobriu que a poeira e a sujidade não conhecem barreiras. A casa, mesmo vazia, tinha acumulado poeira e sujidade e estava até mais imunda do que já estivera algum dia.

Esta história lembra-me uma das parábolas de Jesus. «Quando algum espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então diz: Voltarei para a minha casa donde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada. então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e são os últimos actos desse homem piores do que os primeiros» (Mat. 12:43-45).

Somente uma alma cheia de Jesus e vestida com as vestes da Sua justiça pode ser vitoriosa. «Ao nos sujeitarmos a Cristo, nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com o Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes da Sua justiça. Quando então o Senhor nos contemplar, verá não o vestido de folhas de figueira, não a nudez e deformidade do pecado, mas Suas próprias vestes de justiça que são

a obediência perfeita à lei de Jeová.» (Parábolas de Jesus, p. 312.)

Arrependimento, segurança, vitória — que gloriosa progressão o Senhor

proveu para nós! Amanhã daremos mais um passo «em Cristo», ao ouvirmos o chamado de Deus para sermos compassivos. □

Terça-feira, 23 de Novembro

Chamados a ser Compassivos — Em Cristo

Sofrendo com os outros

Robert S. Folkenberg

Ficamos chocados com as notícias na televisão.

□ No Médio Oriente, enquanto as mulheres curdas fazem fila para obter água potável, um repórter diz: «Dantes morriam 1000 crianças por dia, a maioria devido a doenças relacionadas com água contaminada.»

□ Falando do sul da Ásia, outro jornalista explica: «Um ciclone devastador varreu o Bengladeche, matando mais de 139.000 pessoas e deixando 10 milhões sem abrigo.»

□ Da Somália, da Etiópia e do Sudão ouvimos notícias de milhões ameaçados de morrer de fome.

□ No Perú, as autoridades sanitárias calculam que mais de 1400 pessoas morreram recentemente de cólera.

□ No mundo inteiro, em cada minuto de cada dia, morrem de fome 18 crianças com menos de 5 anos.

O que é que se passa connosco quando, dia após dia, vemos, ouvimos e lemos acerca deste horrível sofrimento?

É possível ficarmos tão transtornados com o sofrimento do mundo que decidamos, muito simplesmente, ignorá-lo e dedicarmo-nos às nossas tarefas diárias. «Overdoses» de sofrimento do mundo, sem qualquer acção pessoal, podem vacinar-nos contra a compaixão.

Mas viver uma vida de segurança e vitória em Cristo não é uma vida centrada em si mesmo, mas sim uma vida chamada à compaixão.

Aos que visitam a casa de um importante escritor na Inglaterra mostram uma fileira de árvores que ele plantou para esconder a vista de um matadouro na casa ao lado. É um desejo natural do coração humano proteger-se das coisas que nos trazem dor, por isso fazemos tudo o que for necessário para nos isolarmos do sofrimento dos outros.

Paulo, nas palavras de abertura da sua segunda carta aos Coríntios, diz: «Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação» (II Cor. 1:3).

Que espécie de Pai temos nós? Como Se relaciona Ele com os problemas do mundo? Paulo diz que Ele é o Pai de todas as misericórdias, isto é, de toda a compaixão.

Misericórdia, ou compaixão, significa «sofrer ou sentir dor com». O nosso Deus é um Pai que «sente dor». Jesus retratou essa compaixão na Sua vida:

□ Ele teve compaixão dos *perdidos*: «E vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgar-

rados e errantes, como ovelhas que não têm pastor» (Mat. 9:36).

□ Ele teve compaixão dos *doentes*: «Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos» (Mat. 14:14).

□ Ele teve compaixão dos *famintos*: «Tenho compaixão da multidão, porque há já três dias que estão comigo, e não têm que comer» (Marc. 8:2).

□ Ele teve compaixão dos *cegos*: «Jesus, movido de íntima compaixão, tocou-lhes nos olhos, e logo viram; e eles o seguiram» (Mat. 20:34).

Deus tem compaixão. Ele «sofre com as pessoas». A Encarnação exemplifica a Sua compaixão, o Seu «sentir dor com». Após a Queda, Deus não abandonou a humanidade caída e começou outra vez, com um novo barro, a fazer uma nova terra com um novo homem e mulher. Ele «sofreu conosco»! Não nos abandonou. «Portante o mesmo Senhor vos dará à luz um filho e será o seu nome Emanuel» (Isa. 7:14). Emanuel significa «Deus conosco».

Deus mostrou que «sofre conosco» ao tornar-se humano e experimentar a dor. Não Se limitou a fazer um telefonema do céu, a dizer: «Tenho muita pena do vosso problema!» Não Se limitou a enviar um pequeno cartão, a dizer: «Espero que em breve estejam melhores»! Deus tornou-Se humano para sofrer conosco.

Paulo continua, ao escrever aos Coríntios: «Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus» (II Cor. 1:3, 4).

Há um propósito no sofrer de Deus conosco. Ele conforta-nos nas nossas tribulações para que nós possamos confortar os outros nas suas tribulações. Assim como Ele é compassivo, também nós devemos ser compassivos. Deus não nos conforta para que nos sintamos confortáveis, mas para fazer de nós confortadores.

Pedro também diz isso: «Sede todos de um mesmo sentimento, compassivos, amando os irmãos, entranhavelmente misericordiosos e afáveis» (I Ped. 3:8). João diz a mesma coisa, mas usa uma palavra diferente: «Amados, amemo-nos uns aos outros» (I João

4:7). E Paulo, num outro texto, repete: «Se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afectos e compaixão, completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros» (Fil. 2:1-4).

Um ombro em que se apoiar

Podem imaginar a atmosfera semelhante ao céu da qual Deus quer que a Sua família terrena desfrute, um lugar onde o amor pelos outros seja o princípio condutor, onde cada um esteja mais interessado no bem-estar e felicidade dos outros do que no seu próprio? Paz nascida da abnegação deveria certamente substituir as palavras ásperas e os corações solitários. O filho de Deus nunca deveria ter de suportar um fardo sozinho. Todos deveriam ter um ombro sobre o qual se apoiar. E a eternidade haveria de brilhar em alegre antecipação do que será estar com o melhor Amigo do mundo.

Sempre que penso em compaixão e compreensão, penso na minha tia Mary Green, uma dedicada instrutora bíblica que trabalhou com o meu pai e Sunny Liu durante alguns anos na cidade de Nova Iorque e na Califórnia. A tia Mary não tinha nenhuma ideia sobre quantas horas havia num dia, especialmente quando havia alguém com quem podia partilhar qualquer coisa, fosse amizade, fosse uma refeição feita em casa, um estudo bíblico, a sua própria casa ou simplesmente dispor-se a ouvir alguém que estava sofrendo. Os seus múltiplos desgostos e tristezas capacitavam-na a confortar toda a gente, porque ela já por lá tinha passado antes.

A tia Mary morreu antes de se aposentar. Tenho a certeza de que Deus achou que ela merecia descansar. Durante o último ano da sua vida, ela viu baptizaram-se 40 preciosas almas com as quais tinha estudado a Bíblia. Continuou a trabalhar mesmo quando tinha dores tão grandes que outras pessoas tinham de ir levá-la de casa em casa. Eu nunca a vi dar um estudo bíblico, mas vi-a viver um estudo bíblico dia a

dia. As suas últimas palavras foram: «Eu sei em quem tenho crido» (II Tim. 1:12). E nós também sabíamos. Tudo à sua volta nos mostrava que ela conhecia e amava ao Senhor e a todos os Seus filhos terrenos, errantes ou não. Creio que é para uma disposição de espírito centrada nos outros que Deus chama a cada um de nós.

As palavras de Paulo aos Coríntios continuam: «Porque, como as aflições de Cristo abundam em nós, assim também a nossa consolação abunde por meio de Cristo» (II Cor. 1:5). Pensai numa taça de tal modo cheia que derrama para o chão. Do mesmo modo as nossas vidas estão tão cheias do conforto que Deus nos dá que a nossa compaixão se derrama à nossa volta. Sofremos com os outros e somos confortados juntos em Deus.

Mas talvez possais dizer: «Não gosto da dor; Não gosto de sofrer.» Talvez sejais daqueles que desligam a televisão quando ela mostra os ventres inchados de crianças subnutridas. «A vida já é suficientemente difícil», dizem, «porque haveria eu de expor-me a mais sofrimento?»

Paulo diz-nos porquê: «O que eu deajo é conhecer a Cristo... tomar parte nos Seus sofrimentos, chegando a ser como Ele na morte» (Fil. 3:10, versão «A Boa Nova Para Toda a Gente», Lisboa, 1978). Paulo não é um masoquista que busca a dor pela dor. Ele diz que quer conhecer a Cristo. Paulo sabia que conhecer a Cristo requeria companheirismo nos Seus sofrimentos. Significava mais do que limitar-se a pensar na dor que Ele sofreu na cruz. Tomar parte nos sofrimentos de Cristo significava identificar-se com os outros no seu sofrimento, assim como Ele Se identificou com o nosso. Conhecer a Cristo é identificar-se com os outros, como Ele Se identificou conosco e identificar-se com os outros é identificarmo-nos com Ele. «Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes» (Mat. 25:40).

«Mas nós somos compassivos, não somos?» respondeis vós. «No fim de contas nós temos um programa de serviço à comunidade e procuramos ajudar o próximo.» Sim, é verdade, mas muitas vezes preferimos ser selectivos na nossa compaixão, dispensando-a aos que a merecem!

□ Temos compaixão das pessoas com Sida, desde que a tenham apanhado com uma transfusão de sangue.

□ Temos compaixão das pessoas que perderam os seus empregos, desde que não tenham sido despedidas por sua própria culpa.

□ Temos compaixão das pessoas a quem ardeu a casa, se isso não aconteceu por estarem a fumar na cama.

Nós escolhemos ter compaixão dos pobres que a merecem. Que significa ser merecedor? Não basta ter fome para se ser merecedor? Não basta estar na prisão para merecer uma visita? *É a nossa necessidade que desperta a compaixão de Deus, não a origem da necessidade.*

Como pecadores, todos nós recebemos a compaixão de Deus. Éramos nós pecadores merecedores? Haverá pecadores que não merecem a misericórdia de Deus e que por isso a não recebem?

Uma vez um rapaz estava a nadar num rio. Afastou-se demasiado da margem e ficou em risco de se afogar. Um homem que passava na estrada junto ao rio ouviu os seus gritos pedindo socorro. Chegando perto da margem do rio, começou a repreender o rapaz por ter sido tão imprudente a ponto de ter ido para fora de pé, mas não fez qualquer esforço para o ajudar.

— Por favor, gritou o rapaz, ajude-me primeiro e ralhe-me depois!

Se queremos socorrer alguém que se está a afogar, temos de lançar-nos à água. Os necessitados do mundo têm ralhos de sobra. O que precisam é de compaixão. Quantas vezes pensamos, se é que o não declaramos, *Bem, eles não sofreriam tanto se tivessem agido de outra forma.*

Nós somos confrontados com escolhas morais e nem sempre é fácil fazê-las. Ao operarmos os Centros Adventistas de Auxílio à Comunidade, não podemos ser tão generosos a ponto de não deixar nada para os que mais precisam. Se os nossos hospitais abrissem as portas a todos os necessitados que não podem pagar, em breve entrariam em falência. Assim, concluem alguns, não podemos ajudar a ninguém. Mas não é verdade! Nós vivemos a vida em permanente tensão, uma tensão entre escolhas morais que temos de fazer.

A televisão satura-nos com imagens de necessidade e sofrimento. Eu posso decidir fazer alguma coisa em algum lugar, ou posso usar a sobrecarga de imagens como desculpa para não fazer nada. Eu posso fazer opções para mudar a parte do mundo que me compete com compaixão, ou posso cruzar os

braços e dizer que os problemas são demasiado grandes. A compaixão não é uma tristeza sentimental pelo sofrimento anónimo das multidões. É uma acção específica em favor de uma necessidade específica. Compaixão significa sofrer com uma pessoa.

O que é que eu posso fazer?

A quantidade de sofrimento no mundo parece avassaladora quando comparada com o pouco que podemos fazer individualmente. Um rapaz caminhava um dia com o pai ao logo de uma praia, depois de ter havido uma tempestade, e a maré cheia tinha feito dar à costa milhares de estrelas do mar. Esses peixes estavam morrendo e à medida que pai e filho caminhavam na areia, o rapaz apanhava um após outro e atirava-os de novo para o mar. O pai, olhando para os quilómetros de praia e os milhares de estrelas do mar que tinham dado à costa, disse-lhe:

— Porque desperdiças as tuas energias? Olha para todas essas estrelas do mar. Que diferença poderás tu fazer?

As pessoas que estão perto umas das outras partilham a dor e a alegria

— Para esta faz uma grande diferença, respondeu o rapaz, pegando numa estrela do mar e lançando o peixe à água.

Do mesmo modo, quando perguntaram a Madre Teresa de Calcutá como é que ela poderia esperar causar qualquer impacto nos 3000 bairros de lata de Calcutá, com novos refugiados a chegar todos os dias, ela respondeu: «Não penso da maneira como o senhor pensa. Eu não somo. Eu apenas subtraio ao total dos que estão morrendo.»

Nesta mesma linha de pensamento, Ellen White observou: «Depois da Sua ressurreição, Cristo ascendeu ao Céu e hoje Ele está apresentando as nossas necessidades ao Pai. ‘Nas palmas das minhas mãos te tenho gravado’, diz Ele (Isa. 49:16). Custou algo gravar-nos ali. Custou indizível agonia. Se nós nos humilhássemos diante de Deus, e se fôssemos bondosos e corteses e sensíveis e condoídos, haveria cem conver-

sões à verdade onde agora há apenas uma.» (*Testimonies*, vol. 9, p. 189.)

Compaixão — não apenas pelos que a merecem, mas pelos que dela precisam. Quando Jesus vier nas nuvens da glória, o traço distintivo que separará os justos dos ímpios não será ir à igreja ou ser membro de igreja. É a compaixão.

Assim, lemos: «Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e fostes visitar-me; estive na prisão, e fostes ver-me» (Mat. 25:34-36).

Jesus sofreu conosco e por isso nós, como Seus filhos, sofremos com os outros. Temos dó deles. Somos compassivos. Ao tocarmos os outros, tocamos a Deus. Em certo sentido, Clemente de Alexandria estava certo quando disse: «Se viste a teu irmão, viste a Deus.» E Jesus afirma: «Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes» (Mat. 25:40).

Compaixão em Cristo não é simpatia pelos que merecem simpatia, ou uma palavra amável para os que disso são dignos. Compaixão pelos dignos merecedores não é, geralmente, compaixão nenhuma, mas antes uma recompensa por bom comportamento. Compaixão em Cristo é a expressão de um sentir empático pelos que não são merecedores, tal como a morte de Cristo foi pelos que a não mereciam — por vós e por mim.

O Dr. Brand, que trabalhou 18 anos no *Christian Medical College* em Vellore, na Índia, conta a história da sua vivência com Sadam, um leproso. A maior ameaça para o corpo de Sadam era ele não sentir dores. E porque não sentia dores, o seu corpo não podia avisá-lo dos objectos cortantes ou abrasivos que poderiam fazer mal à sua carne.

Sadam foi ao hospital de Vellore para ser tratado. Depois de quatro anos de cirurgia reconstrutiva e de terapia de reabilitação, ele ficou o suficiente melhor para poder ir passar um fim de semana a sua casa, com a família. «Quero voltar aos lugares em que fui rejeitado», dizia ele orgulhosamente, referindo-se aos cafés que o tinham mandado embora e aos autocarros que

lhe tinham negado a entrada. Antes de partir, ele e o médico passaram em revista todos os perigos a que ele iria ficar exposto. Não sendo capaz de sentir dor, ele teria de ter o maior cuidado para que nenhum objecto cortante causasse dano ao seu corpo.

No sábado à noite, Sadam jantou com toda a sua família e depois foi para o seu velho quarto, onde não dormia havia quatro anos. Ele estava finalmente em casa! Na manhã seguinte, ao acordar, Sadam examinou-se, como fora treinado a fazer no hospital. Então estremeceu de horror: a parte de trás do seu dedo esquerdo indicador estava toda despedaçada. Ele conhecia o culpado. Um rato visitara-o durante a noite e roera-lhe o dedo.

Ele pensou em regressar ao hospital, mas decidiu ficar em casa mais uma noite. Desta vez tomou a decisão de ficar acordado para que os ratos o não incomodassem. Sentou-se a ler um livro, à luz de uma lanterna de queroseno. Por volta das 4 horas da madrugada, o sono venceu-o. Ao adormecer, a sua mão escorregou para um lado e tocou no vidro quente da lanterna, e quando acordou na manhã seguinte, viu que um grande bocado de pele da parte de trás da sua mão direita tinha sido queimada.

Sadam voltou para o hospital de Vellore no dia seguinte. Enquanto o Dr. Brand mudava as suas ligaduras, ele chorava e dizia: «Senti como se tivesse perdido toda a liberdade.» E a seguir, fez-lhe esta significativa pergunta: «Como posso eu ser livre sem dor?»

A dor une as diferentes partes do nosso corpo numa rede de comunicação. As pessoas que estão perto umas das outras partilham a dor e a alegria, mesmo que não haja nervos a ligá-las fisicamente. Sofrem umas com as outras.

Nós vivemos numa comunidade mundial. É pela nossa compaixão, pela disposição em sofrer uns com os outros que mostramos que conhecemos o nosso Criador.

Esta compaixão vem de Jesus. Ao estarmos n'Ele, vemos como Ele vê e sentimos como Ele sente. Assim como o Senhor nos chama ao arrependimento, à segurança e à vitória em Cristo, chama-nos também à compaixão em Cristo. Amanhã exploraremos outro passo do viver cristão: o chamado para testemunhar. □

Quarta-feira, 24 de Novembro

Chamados a Testemunhar — Em Cristo

Mais do que um dever — uma alegria

Robert S. Folkenberg

Durante a primeira metade da construção da ponte Golden Gate em São Francisco, 20 trabalhadores morreram ou ficaram seriamente feridos ao caírem. A construção finalmente parou enquanto um rede gigantesca era colocada debaixo da área de construção para apanhar alguém que caísse. Durante o resto da construção somente 8 homens caíram. A rede não somente aumentou a sua segurança, mas também tornou os trabalhadores mais confiantes e assim menos susceptíveis a cair. Um bônus inesperado foi que a sua eficiência melhorou em 25 por cento. A sua confiança fez aumentar a sua produtividade.

A vida cristã é algo semelhante: devido à certeza da graça e cuidado de Deus, podemos viver e testemunhar com confiança.

Ellen White escreveu: «O cristão verdadeiro recebe motivação para a acção através do seu amor profundo pelo seu Redentor. A sua afeição pelo seu Mestre é verdadeira e santa. E é do cristão alegre e simpático que Cristo diz: 'Vós sois as minhas testemunhas' (Isa. 43:10). Um tal homem é um representante de Cristo, pois reflecte Cristo na sua vida diária. É quando ele se afasta da luz que deixa de poder difundir os seus raios luminosos a outros.» (*Manuscript Releases*, vol. 9, p. 379.)

Quanto mais perto nos encontrarmos de Jesus, mais O reflectiremos nas nossas vidas. À medida que experimentarmos vitória e confiança, atrairemos outros para Ele.

Quando as autoridades judaicas ordenaram a Pedro e a João que não faliassem mais de Jesus, eles responde-

ram: «Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido» (Actos 4:20).

Testemunhar o evangelho é assim. Não deve ser qualquer coisa que sejamos forçados a fazer. Nem é como um requerimento, um «trabalho» especial que contribui para a nossa salvação. Pelo contrário, quando amamos a Jesus e desfrutamos a alegria da certeza da salvação, não podemos deixar de falar d'Ele.

Após a Ressurreição, Jesus deu aos Seus discípulos a grande comissão: «Portanto ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos. Ámen» (Mat. 28:19, 20).

As Suas últimas palavras aos Seus discípulos na terra foram estas: «Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra» (Actos 1:8).

Hoje em todo o mundo há Adventistas do Sétimo Dia que se alegram na certeza da salvação e vitória em Cristo e que estão a cumprir a comissão que Jesus deu aos Seus discípulos.

Penso na Força Especial de Trabalho Evangelístico dos 24 jovens que no Sudão, um país predominantemente muçulmano, estão a trabalhar para estabelecer uma presença adventista em 12 cidades não penetradas. Tenho fotografias dos 6 novos grupos de crentes que eles já estabeleceram, acompanhadas de histórias de como o Senhor tem dado às equipas de

Brigada Evangélica coragem invulgar para enfrentarem situações de perigo.

Os relatórios dos obreiros da Brigada Evangélica são excitantes: 15 batizados aqui; 34 batizados ali, 6 estudos bíblicos iniciados aqui.

Vou transcrever de um relatório: «Embora nos reunamos debaixo dum toldo de plástico, os 26 novos membros ainda continuam a vir fielmente.» Outro escreve: «Entre nós, o meu companheiro de evangelismo e eu, temos um par de sapatos e um par de chinelos. O que der estudos bíblicos na aldeia, a 9 km de distância, calça os sapatos.» Toldos alugados e sapatos insuficientes, e contudo o Espírito Santo está a operar nesta igreja.

No Colégio Spicer encontramos hoje 182 membros da Nova Geração Missionária, evangelistas-estudantes que consideram um privilégio serem embaixadores de Cristo na Índia. Eles já formaram 91 novas congregações.

«Vinde após Mim», disse Jesus, «e eu vos farei pescadores de homens» (Mat. 4:19). Poderíamos dizer o oposto: «Se não formos pescadores de homens, então não estamos a segui-l'O?» Alguns têm uma ideia sobre testemunhar que é contrária à imagem que Jesus nos dá.

Vêm o testemunhar como uma actividade exigida, algo que fazem no Sábado à tarde ou quando no seu trabalho falam da sua igreja a alguém. Se decidem não participar pessoalmente numa actividade de testemunho da igreja, contribuem com dinheiro para que outros possam fazer o trabalho.

O Poder das Relações Pessoais

Temos visualizado o testemunhar como sendo um convite ocasional que fazemos a alguém para assistir a algumas reuniões ou a colocação dum exemplar de literatura algures. Mas o «testemunhar» é mais abrangente do que isso. A natureza do testemunhar revela-se na maneira como Jesus comunicou connosco. Deus necessitava de testemunhar-nos acerca das boas novas do nascimento do Seu Filho e da vida eterna que pode ser nossa se O aceitarmos. Necessitava de informar-nos sobre a verdade do Seu carácter e o do Seu Filho. Ele não o fez enviando-nos apenas literatura, a Bíblia. Deus enviou o Seu Filho, Jesus, em pessoa, de modo a sentirmos quão amoroso e altruísta Ele é de facto.

De modo semelhante, Deus deseja viver em nós mediante o Espírito Santo, de maneira que outras pessoas possam sentir a alegria de ser seguidoras de Jesus. «O emblema do cristianismo», escreveu Ellen White, «não é um sinal exterior, ... mas é aquele que revela a união do homem com Deus. Pelo poder da Sua graça manifestada na transformação do carácter, o mundo deve ser convencido de que Deus enviou o Seu Filho como seu Redentor. Nenhuma outra influência que possa rodear a alma humana tem tal poder como o da influência de uma vida altruísta. O argumento mais forte em favor do evangelho é o de um cristão amoroso e amável.» (*A Ciência do Bom Viver*, p. 470.)

Nós conhecemos os outros através de relações pessoais e da mesma maneira testemunhamos aos outros através de relações pessoais. Testemunhamos melhor àqueles que conhecemos melhor. Se um estranho viesse à vossa porta e vos pedisse 5 ou 10 mil escudos, muito provavelmente não lhos emprestariam. Se, por outro lado, um amigo íntimo viesse à vossa porta e vos fizesse o mesmo pedido, estariam muito mais inclinados a responder positivamente devido à vossa amizade. Do mesmo modo, a nossa influência mais eficiente a favor de Jesus acha-se com os nossos amigos mais íntimos.

A igreja é uma comunidade de crentes cujas vidas estão sendo transformadas pelo Espírito Santo. Só é a Sua igreja se ela experimentar e demonstrar a fé de Jesus nas vidas dos seus membros. Testemunhar é a razão primária para a existência da igreja. No seu melhor, a igreja é uma comunidade de cristãos que são profundamente solícitos uns pelos outros e convidam outros a participar na paz da certeza em Cristo e na alegria da família de Deus.

Uma testemunha precisa de ter informação pessoal e em primeira mão. Não podemos pagar a alguém que testemunhe por nós. João diz: «O que era desde o princípio; o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida (porque a vida foi manifestada, e nós a vimos e testificámo-la, e vos anunciámos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada); o que vimos e ouvimos, isso vos anunciámos, para que também tenhais comunhão connosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com Seu Filho, Jesus Cristo» (I João 1:1-3).

Este texto dá-me bastante confiança na verdade do evangelho que compartilhamos. Nós não seguimos fábulas arditosamente inventadas. Aqueles que estiveram presentes escreveram o seu testemunho. O texto também aponta a importância dum testemunho em contraste com a verdade somente. A experiência pessoal confere validade e poder à verdade. Não podemos partilhar aquilo que não temos, mas devemos partilhar não somente o que cremos, mas também o que temos experimentado.

Sem a experiência, a expressão de fé de uma pessoa parecer-se-á à prática comum das estações de rádio em tempos de eleições. Após a apresentação de alguma afirmação política apaixonada, o mesmo apresentador lembra os ouvintes que estas palavras foram um anúncio pago e que não reflectem necessariamente os seus próprios pontos de vista ou os da emissora.

A menos e até que possuamos uma fé nós mesmos, até que apreciemos um relacionamento íntimo e confiante com o nosso Salvador, a proclamação do evangelho aos outros demonstrar-se-á superficial. Será como uma mensagem de telefone gravada, à qual falta o poder do testemunho sincero e pessoal.

Ellen White escreveu: «Cristo dirige, fortalece, enobrece e santifica as faculdades da alma. É através da familiarização pessoal com Ele que nos tornamos qualificados a representar o Seu carácter no mundo.» (*Review and Herald*, 10 de Setembro de 1895.)

João diz: «Mas a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no Seu nome» (João 1:12).

Se o testemunhar nascer da alegria da certeza em Cristo, em vez de ser uma expressão momentânea de fé, então as oportunidades para testemunhar encontrar-se-ão por toda a parte. O melhor lugar para testemunhar é o lugar onde passamos a maior parte do nosso tempo. Há alguns anos, quando a mensagem da certeza em Cristo passou da teoria à realidade na minha vida, da minha cabeça para o meu coração, descobri que toda a minha maneira de testemunhar havia mudado. Testemunhar a minha nova alegria em Jesus tornou-se a agradável e inevitável consequência de estar com outros, em vez de um esforço não natural, motivado por alguma promoção ou um novo programa.

Todos nós temos oportunidades áureas para evangelismo nas nossas casas, comunidades e locais de trabalho. Noutras palavras, o lugar mais natural para testemunhar é onde vivemos, trabalhamos, nos recreamos e adoramos. Como sabem, nós não somos apenas Adventistas do Sétimo Dia, mas Adventistas sete dias!

O testemunho cristão não ocorre apenas aos fins de semana ou em reuniões evangelísticas. O que acontece durante a semana faz mais para espalhar o evangelho do que o que acontece aos Sábados ou em ocasiões especiais. Algumas pessoas deixam o seu trabalho secular para trabalharem a tempo inteiro para a igreja, mas é-se um obreiro evangélico mais eficaz no lugar em que se contacta com os outros: no trabalho, em casa e na vizinhança.

Todos precisamos de pensar nas nossas vocações como lugares onde praticamos o nosso ministério. O nosso relacionamento com o Senhor deveria ser tal que pudéssemos partilhar a nossa fé no ambiente natural do trabalho.

Muito frequentemente, quando tentamos moldar as opiniões das pessoas pela teoria da verdade antes de elas nos conhecerem pessoalmente, corremos o risco de as vacinar contra o evangelho. Através da nossa solicitude, amizade amável, pelas quais partilhamos a nossa experiência pessoal com Deus, o Espírito Santo pode tocar os corações. Não importa quão verdadeiras as nossas doutrinas distintivas sejam, se as apresentarmos separadas de um testemunho pessoal da nossa certeza em Cristo, ela parecerão frias, impotentes e teóricas.

Ellen White indicou que «somente o método de Cristo dará verdadeiro êxito em alcançar as pessoas. O Salvador misturava-Se com os homens como alguém que desejava o seu bem. Mostrava-lhes a Sua simpatia, ministrava às suas necessidades e ganhava-lhes a confiança. Depois ordenava-lhes: 'Segue-Me'.» (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143.)

Conta-se a adivinha das 5 rãs. «Se havia 5 rãs num tronco e uma decidiu saltar, quantas ficaram no tronco?» A resposta à adivinha é que ficaram 5 no tronco, porque decidir saltar não é a mesma coisa que saltar. Ser chamado a testemunhar de Cristo não é a mesma coisa que ser testemunha de Cristo.

O testemunho pessoal é o modo mais eficaz e convincente de testemunhar.

Ellen White escreveu: «Como testemunhas para Cristo, devemos dizer o que sabemos, o que nós mesmos temos visto, ouvido e sentido. Se tivermos estado a seguir a Jesus passo a passo, teremos alguma coisa de imediato a dizer a respeito da maneira como Ele nos tem guiado. Podemos dizer como temos provado a Sua promessa e achado-a verdadeira. Podemos dar testemunho do que temos conhecido da graça de Cristo. Este é o testemunho que o nosso Senhor requer e por falta do qual o mundo está a perecer.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 340.)

Experiência pessoal

Quando os cristãos falam por experiência pessoal acerca do significado que o cristianismo tem dado às suas vidas, eles apresentam um argumento compelidor em favor do Cristianismo. O argumento pode ser rejeitado, mas ele confronta o ouvinte com palavras escudadas numa vida que apela a uma decisão.

Quando amamos a Jesus, não podemos deixar de falar d'Ele

A Bíblia está cheia de poderosos exemplos de testemunho pessoal. Assim, lemos acerca da confissão dum Tomé pronto a duvidar: «Meu Senhor e meu Deus» (João 20:28); do testemunho dum centurião gentio: «Verdadeiramente este era o Filho de Deus» (Mat. 27:54); da resposta dum oficial aos sacerdotes quando voltaram de mãos vazias: «Nunca homem algum falou assim como este homem» (João 7:46); do testemunho de Lázaro retornado dos mortos; de Maria mudada de lamentadora em entusiasta, tendo visto o Cristo ressuscitado; os endemoninhados mudados contando o que Jesus fizera por eles; e o incansável testemunho de Paulo: «Não me envergonho, porque eu sei em quem tenho crido» (II Tim. 1:12). Testemunhos como estes inflamaram o crescimento da igreja primitiva. A confirmação destes testemunhos nos corações dos crentes hoje é o fundamento do testemunho vivo.

Ellen White escreveu: «Podeis apontar para os pontos vivos da vossa ex-

periência, sem recuar muitos anos no passado. Oxalá pudéssemos ouvir mais frequentemente o *testemunho* simples e fervoroso *dos conflitos e vitórias do coração.*» (*Review and Herald*, 20 de Dezembro de 1881; itálico nosso.)

Há alguns anos deu-se o naufrágio de um navio ao largo da costa nordeste do Pacífico, na América do Norte. Uma multidão de pescadores numa aldeia próxima juntaram-se para observar o navio a ser despedaçado nas rochas. Um barco salva-vidas apressou-se a socorrer os naufragos e após uma luta terrível os socorristas regressaram com todos excepto um. «Não havia lugar para ele no barco salva-vidas, de modo que lhe dissemos para permanecer junto do navio porque alguém voltaria para o buscar», gritou um jovem. «Quem virá comigo?»

Naquele momento uma mulher gritou: «Não vás, José. Não vás. Tu és tudo o que me resta. O teu pai morreu afogado no mar; o teu irmão Daniel embarcou para longe e nunca mias soubemos nada dele; e agora se tu te perderes, eu ficarei sozinha. Oh, José, por favor não vás.»

José ouviu pacientemente os rogos da mãe e depois disse: «Mãe, eu devo ir! É o meu dever. Eu devo ir!» Os espectadores observavam enquanto os homens no barco salva-vidas lutavam para chegar ao navio naufragado. A mãe do José chorava e orava ansiosamente. Então o barco começou a regressar, uma frágil casca de noz sacudida de todos os lados pelas enfurêcidas ondas. Por fim, ao aproximar-se o suficiente para se ouvir os que estavam no barco salva-vidas, as pessoas na praia gritaram: «Conseguiram salvá-lo?»

O José respondeu, gritando também: «Sim, e digam à minha mãe que é o Daniel!»

Muitas das pessoas com quem contactamos diariamente estão em perigo eterno. Elas são todas filhas de Deus e muitas delas precisam de ouvir as boas-novas acerca de Jesus dos lábios de um amigo. Como disse o José ao ir salvar o marinheiro: «É o meu dever.» É o dever do cristão, mas mais do que isso, é a alegria do cristão salvar outros para Deus e ouvir o regozijo dos anjos por mais um pecador que se arrependeu.

Os Adventistas do Sétimo Dia, mediante o poder do Espírito Santo de Deus, estão a salvar os que perecem em todo este mundo. Penso no jovem que, num certo país, foi para uma área não

penetrada e aí organizou um grupo de crentes no meio de terrível perseguição. No processo ele foi espancado, o lugar de culto queimado e a sua vida repetidamente ameaçada. Todavia, a esperança desta mensagem brilha hoje nessa comunidade.

Penso nas equipas da Brigada Evangélica do Colégio Spicer, na Índia. Tenho lido muitos dos seus relatórios. Muitos destes jovens missionários andam a pé 15, 25 e 30 ou mais quilómetros por dia para darem estudos bíblicos e realizarem reuniões em cidades onde há apenas 12 meses não havia ne-

nhum adventista. Porque andam eles essas distâncias a pé? Porque não têm dinheiro para comprar uma bicicleta; todavia continuam inabaláveis.

Os nossos estudos desta semana levaram-nos até agora através de 5 passos: arrependimento, segurança, vitória, compaixão e testemunho, lembrem-nos de que não damos estes passos por nós mesmos. Eles são sempre dados em Cristo.

Amanhã consideraremos outra parte da vida cristã — a alegre expectativa do retorno de Cristo. □ — (Tradução de M. N. Cordeiro)

paração que tinham feito para aguardar o noivo que «estava demorado» (Mat. 25:5). Todas as virgens adormeceram enquanto esperavam. Nenhuma delas esperava que houvesse uma demora, mas cinco estava preparadas para qualquer eventualidade. Tinham-se provido de azeite suficiente para manter uma chama brilhante nas suas lâmpadas, enquanto que as loucas não tinham suficiente azeite. Quando chegou o noivo, as virgens sábias, com as suas lâmpadas espezitadas, entraram na sala do banquete nupcial, enquanto que as loucas, tendo ido comprar mais azeite, perderam a festa. Jesus termina a parábola com a advertência: «Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há-de vir» (Mat. 25:13).

Enquanto esperamos a volta do nosso Senhor, devemos lembrar o que disse o apóstolo Pedro: «Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? (II Pedro 3:3, 4). Haverá aqueles que, como as virgens loucas, dirão: «Há muito tempo para nos prepararmos mais tarde.»

Que significa esperar por Jesus? Os discípulos tinham estado com Jesus durante três anos, e estavam tão ansiosos de estar com Ele outra vez que se cumprimentavam com a palavra «Maranata», que quer dizer: «Vem, Senhor!» Eles estavam impacientes por O ver outra vez.

O nosso desejo de ver visitas aumenta na proporção de quão bem nós as conhecemos e há quanto tempo nos encontramos separados delas. A separação física de 2.000 anos, entre a humanidade e Cristo, deveria tornar-nos ansiosos por O ver. Mas é isso o que acontece? A nossa ansiedade em O ver mostra quão intimamente O conhecemos?

A Segunda Vinda será uma doutrina abstrata da igreja enquanto a Pessoa que vai vir for personagem bíblica remota e abstrata. A Segunda Vinda será uma doutrina fria, morta, separada da nossa vida diária, enquanto a Pessoa que vai vir não estiver vivendo nos nossos corações. A Segunda Vinda não será amada e ansiada enquanto Jesus não for amado e ansiado profundamente.

De que modo esperamos?

A maneira como esperamos as pes-

Quinta-feira, 25 de Novembro

Chamados à Expectativa — Em Cristo

Como esperar pelo Seu retorno

Robert S. Folkenberg

No ano 999, na velha basílica de S. Pedro, um número enorme de fiéis aguardou a chorar o fim do mundo. Eles achavam que era a véspera do milénio. Muitos fiéis tinham dado as suas casas e terras a fim de se assegurarem perdão e absolvição no juízo iminente.

Em 1978, um grupo de 100 habitantes citadinos, dirigidos por John Strong, transferiram-se para o mato australiano, crendo que o mundo acabaria com um holocausto nuclear, em 31 de Outubro.

Nós temos estamos a viajar, como cristãos, através dos altos e baixos da história, através da Idade Média e da Reforma, por quase 2.000 anos, esperando o cumprimento da promessa de nosso Senhor: «Virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde Eu estiver, estejais vós, também» (João 14:3). Nós, como Adventistas do Sétimo Dia, temos estado a proclamar os últimos dias por 150 anos, aguardan-

do o cumprimento das palavras de Jesus: «Eis que cedo venho» (Apoc. 22:12). Quando se cumprirá essa promessa? Onde nos encontramos na linha do tempo desde a crucifixão à gloriosa ressurreição?

Este desejo de saber o nosso lugar na corrente da história é especialmente forte ao vermos terem lugar acontecimentos de grandes consequências históricas. Recentemente o comunismo caiu, abrindo o caminho para o avanço rápido do evangelho. Ao mesmo tempo as notícias diárias dos meios de comunicação social provêem evidência do cumprimento dos sinais do fim do mundo tal como se encontram registados em Mateus 24.

Após enunciar todos os sinais do fim do mundo, Jesus contou a história das 10 virgens que saíram ao encontro do noivo. Cinco delas eram loucas, as outras cinco eram sábias. Aquilo que diferenciou as sábias das loucas foi a pre-

soas depende de quem aguardamos. Como esperamos o cobrador de contas, em comparação com a maneira como aguardamos o primeiro vislumbre da nossa noiva ou noivo no nosso dia do casamento? Comparem a nossa espera por um filho ou filha há muito tempo ausente, com a nossa expectativa nervosa por um ladrão que tem estado a arrombar as casas na vizinhança. O relacionamento que temos com as pessoas determina a espécie de expectativa que sentimos enquanto esperamos por elas.

O cristãos estão a esperar Cristo há tanto tempo, que alguns estão em perigo de perder o seu senso de urgência. A Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu como resultado do anseio do regresso iminente de Cristo e essa esperança tem proporcionado a força impedidora para levarmos o evangelho ao mundo. A nossa igreja é ainda uma igreja do Segundo Advento.

Há boas razões para os Adventistas do Sétimo Dia crerem no Segundo Advento. A Bíblia fala muito acerca dele:

□ «Se Eu for... virei outra vez» (João 14:3).

□ «E então verão vir o Filho do homem, numa nuvem, com poder e grande glória» (Lucas 21:27).

□ «Esse Jesus... há-de vir, assim, como para o Céu o vistes ir» (Actos 1:11).

□ «... E verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do Céu, com poder e grande glória» (Mat. 24:30).

□ «Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o trespassaram» (Apoc. 1:7).

□ «Porque o Filho do homem virá na glória do Seu Pai, com os Seus anjos» (Mat. 16:27).

□ «Assim, também, Cristo... aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O esperam para salvação» (Heb. 9:28);

□ «Sede vós, também, pacientes, ... porque já a vinda do Senhor está próxima» (Tiago 5:8).

Muitas das parábolas e muito da mensagem de Cristo centralizaram-se na certeza do Seu retorno. Sem isto, a Sua morte teria sido despropositada. Todos os cristãos deveriam ser Adventistas! Pois se há um ensino nas Escrituras a que se dê maior ênfase do que qualquer outro, um tópico que receba maior atenção no Novo Testamento do que outro qualquer, é certamente o retorno de Jesus.

Se um jornal diário principal nos pedisse para escrevermos um artigo so-

bre o que a Bíblia diz acerca da Segunda Vinda, não teríamos dificuldade alguma em obter essa informação. Fariamos as perguntas que os repórteres costumam fazer: quem, o quê, quando, onde, porquê e como?

□ *Quem vai vir?* «Esse Jesus». Esse mesmo Jesus, Aquele que os discípulos conheceram, o seu Amigo, Jesus de Nazaré (Actos 1:11).

□ *O que é que acontecerá?* Esse mesmo Jesus «há-de vir, assim, como para o Céu o vistes ir» (Versículo 11).

□ *Quando acontecerá isso?* «Porém, daquele dia e hora ninguém sabe» (Mat. 24:36).

□ *Porque acontecerá isso?* A fim de que Jesus possa «reunir os seus eleitos» (Mat. 24:31).

□ *Onde acontecerá isso?* «Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá» (Apoc. 1:7).

□ *Como acontecerá isso?* «Com poder e grande glória» (Mat. 24:30). «E quando o filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então se assentará no trono da sua glória» (Mat. 25:31).

Estes textos são familiares para a maioria de nós, talvez tão familiares, de facto, que já não mais sentimos um senso de expectativa. Podemos estar a fazer as perguntas sem esperar pelas respostas. É tão fácil para a rotina da vida diária colocar a mensagem da vinda do Senhor numa prioridade secundária. O apóstolo Paulo lembrou a Tito que «a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século, sóbria, e justa e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo» (Tito 2:11-13).

Distracções

Nós podemos ser facilmente distraídos da mensagem da Segunda Vinda por distrações, incluindo um foco indevido sobre a data do retorno de Jesus. Ele disse-nos especificamente: «Mas daquele dia e hora ninguém sabe.»

Há aqueles que estão mais interessados em estabelecer a data do Seu retorno do que ensinar a esperança do Seu retorno. Estão mais decididos em estabelecer as datas do tempo de tribulação do que em aprender sobre Aquele

que nos tomará ao colo — através da tribulação. O próprio Jesus deu-nos, em Mateus 24, sinais que devemos observar, mas quando o nosso foco está nos sinais em vez de estar no Doador dos sinais, então falhámos a mensagem do Advento.

À medida que nos aproximarmos do ano 2000, poderemos esperar muitos pretensos profetas e prognosticadores para manipular datas, tempos e estações escriturísticas a fim de apresentarem datas para o retorno do Senhor. Não devemos enfraquecer a credibilidade da nossa mensagem com o apontar datas que nos foram veladas, com especulações impróprias, ou mesmo com a mais espalhada frustração de casual Laodiceanismo que entorpece as nossas faculdades espirituais.

Estou certo que o objectivo destes anunciadores de datas é despertar as pessoas para a iminência da volta de Jesus, mas não nos permitamos ser iludidos com o fascínio do sensacional e não desviemos o nosso foco da Pessoa que vai voltar.

Quando um voo programado, de qualquer companhia aérea, inicia o seu trajecto em direcção ao seu destino, o controlador do voo conhece todos os pormenores do seu plano de voo. O controlador sabe exactamente quando o avião partiu, onde estava, está e estará nos vários estádios do voo, e inclusivamente sabe quando ele chegará. Por outro lado, uma rapariga cujo namorado esteja a viajar nesse voo sabe apenas a hora aproximada da chegada do avião e nada sabe acerca do trajecto do voo. Mas ela está super feliz com a perspectiva de se encontrar com um passageiro que está no avião! O controlador do voo tem muito mais informação do que a jovem, mas não está muito excitado acerca do voo, porque ele não conhece ninguém no avião. Eu preferiria conhecer muito pouco sobre os pormenores da vinda de Cristo e ter um coração cheio de expectativa, porque conheço a Pessoa que vai chegar.

Ainda mais perigoso, podemos perder a nossa expectativa da Segunda Vinda ao sermos apanhados pelos afazeres do dia a dia. Como o mau servo da parábola de Jesus (Mat. 24:48-51), começamos a adiar o dia do Seu retorno. Em vez disso devemos seguir este conselho da serva do Senhor: «Aquele que está buscando riquezas eternas deveria estar-se esforçando pelo tesouro celestial com muito maior fervor e per-

severança, e com uma intensidade proporcional ao valor do objecto que está empenhado em alcançar.» *Mordomia e Prosperidade*, p. 158.)

Talvez possamos compreender quanto vital é crer que Ele virá em breve ao considerarmos o oposto. Quais seriam as implicações se Cristo nunca retornasse? Tornaria sem significado muitas das mensagens que Ele deu quando esteve na Terra. Ter um Deus que curou a dor física durante um curto período na história e depois partiu para sempre, não faria sentido algum. Seria semelhante a um médico que viesse dar-nos uma injeção para aliviar a nossa dor e depois fosse embora para nunca mais voltar. A primeira vinda de Cristo não teria tido qualquer objectivo se não houvesse uma Segunda Vinda. Que benefício teria o Seu perdão? Como poderia a cruz ajudar, se não houvesse coroa alguma?

Intervir pessoalmente, durante um instante na história da terra, e depois partir para sempre, não descreveria um Deus de amor. Desse Deus nós teríamos de perguntar: «Afinal para que veio Ele? Está Ele a tentar aumentar a nossa miséria e dor, ao aliviá-las por um momento, de modo a podermos compreender verdadeiramente quanto maus nós somos?» Não, mesmo se Jesus não nos dissesse que iria voltar, a mensagem do Novo Testamento determina o Seu regresso.

Se quisermos conhecer a mensagem da Segunda Vinda, precisamos de reflectir sobre o que foi muito bom aquando da primeira vinda. A mensagem do Segundo Advento é uma mensagem de esperança. O que o planeta Terra experimentou durante um curto período da sua história, há 2.000 anos atrás, será experimentado outra vez. Não somos deixados entregues às nossas fantasias. A mensagem da Segunda Vinda traz-nos esperança e alegria ao anteciparmos viver com Jesus outra vez, o mesmo Jesus que viveu entre nós, o mesmo Jesus que cura as nossas feridas. Ele vai vir para estar conosco outra vez.

Só posso pensar numa razão de alguns de nós não nos alegrarmos com as boas novas do Segundo Advento. Não conhecermos Jesus ainda e não temos aceiteado a Sua certeza de salvação e a promessa de vida eterna.

Os discípulos tinham estado três anos com Jesus, e não podiam suportar a separação. Tão impelidos foram eles pe-

la esperança da Sua Vinda, que em poucos anos espalharam as boas novas por todo o império romano.

A separação de Jesus dos Seus discípulos foi como uma separação de família. Quando estamos fora de casa por um longo período de tempo, estamos ansiosos de regressar a casa. Porquê? É porque queremos voltar para a nossa casa, ou porque gostamos da vista que vemos da nossa casa? Não! O desejo de voltar para casa é para estar com aqueles a quem amamos. Quanto mais amarmos a Jesus, mais desejaremos o Seu retorno. Se não estamos particularmente entusiasmados com a Sua vinda, é porque provavelmente não O conhecemos.

Nós podemos conhecer tudo acerca da Segunda Vinda, mas conhecemos nós Aquele que vai vir?

Que diz Jesus na Bíblia àqueles que não estavam preparados para a Sua Vinda? Não diz: «Vocês não sabiam o tempo da Minha vinda.» Ele diz: «Vocês não Me conheceram» (Ver Mateus 7:21-23).

Preparando o Caminho

Quando conhecermos Jesus e desejarmos vê-Lo outra vez, preparar-Lhe-mos o caminho. Quando nos tivermos arrependido e tivermos certeza em Cristo, o nosso testemunho sobre Ele terá um senso de urgência. Não conseguiremos aguentar a separação por mais tempo. Seremos como aquelas pessoas da parábola de Jesus, das bodas de casamento, que «esperam o seu Senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier, e bater, logo possam abrir-lhe» (Lucas 12:36). A nossa certeza do nosso relacionamento com o nosso Mestre levar-nos-á a uma espera activa e expectante da Sua vinda. Partilharemos com outros as boas novas da Sua vinda. «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14).

Ellen White escreveu: «É o privilé-

gio de cada cristão não somente esperar mas apressar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (II Pedro 3:12). Se todos os que professam o Seu nome estivessem a produzir fruto para a Sua glória, quanto rapidamente todo o mundo seria semeado com a semente do evangelho. Depressa amadurecia a última grande colheita, e Cristo viria para colher o grão precioso.» (*Parábolas de Jesus*, p. 69.)

Deus está ansioso por reunir os Seus filhos, mas não quer que nenhum se perca. Nós temos uma parte a desempenhar nesta conclusão divina da história da terra.

Queridos amigos, muitos de vós têm estado a esperar a vinda de Jesus durante anos — alguns 20, 30, 40 ou mesmo 50 anos. Começaram a duvidar da promessa do Seu alegre retorno? Começaram a dizer no vosso coração: «O meu Senhor tarde virá»? Permitam que vos diga que Deus não falhou. Nós podemos ter falhado, mas Ele não!

Ellen White escreveu: «Durante quarenta anos, activa incredulidade, murmuração e rebelião impediram o antigo Israel de entrar na terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do moderno Israel na Canaã Celestial. Em nenhum dos casos falharam as promessas de Deus. É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a luta entre o professo povo do Senhor que nos tem retido neste mundo de pecado e tristeza tantos anos.» (*Evangelismo*, p. 696.)

Ela também explicou: «Talvez tenhamos de permanecer aqui neste mundo, por causa de insubordinação, muitos mais anos, como aconteceu com os filhos de Israel; mas por amor de Cristo, o Seu povo não deve acrescentar pecado a pecado ao culparem Deus das consequências do seu próprio curso errado de acção.» (*Ibidem*.)

Um pai deixou certa vez os seus quatro filhos em casa e viajou para uma terra distante a fim de aí ganhar fortuna. Esteve ausente durante muito tempo. A princípio os filhos sentiram muito a sua falta, mas com o passar dos meses habituaram-se à sua ausência. Eles recebiam cartas do seu pai muito regularmente, que a princípio liam, mas depois alguns dos filhos nem sequer se dispunham a lê-las.

Finalmente, depois de um período muito longo de tempo, os filhos receberam uma carta a dizer a hora, companhia aérea e o número do voo do re-

gresso do seu pai. A carta dizia que o seu pai tinha ganho a sua fortuna e queria partilhá-la com a família. Os filhos estudaram a carta e verificaram as escalas de voos. De facto, havia um voo programado para essa hora.

Finalmente chegou o dia para o regresso do seu pai. O segundo filho, que estava ocupado a organizar uma festa de anos para a sua namorada, pensou que deveria ser o seu irmão mais velho a ir esperar o pai.

O primeiro filho duvidava das cartas que tinha lido, de que o seu pai tivesse de facto ganho uma fortuna. Suspeitava que o pai ia regressar para viver à custa dos filhos. Assim, ele afastou completamente da sua mente a ideia do regresso do pai.

O terceiro filho havia lido acerca dos atrasos que os voos dos aviões estavam a ter e concluiu que o seu pai poderia bem vir sozinho para casa.

O pai saíra de casa quando o quarto filho era muito pequeno, de modo que esse filho nem conhecia o seu pai. Ele nem sequer havia lido as cartas que o pai enviara. Imaginou que nem sequer reconheceria o seu pai caso fosse ao aeroporto. E além disso, não era essa sua responsabilidade como filho mais novo.

Bem, o pai chegou, de facto, ao aeroporto, e quando viu que ninguém o tinha ido esperar, tomou um táxi para casa. Quando o táxi chegou a casa todos os quatro filhos ficaram surpreendidos. Mas quando ele lhes disse que a sua fortuna era para ser partilhada somente com aqueles que acreditaram na sua carta para o esperar no aeroporto, houve choro e ranger de dentes.

Jesus vai voltar. De novo haverá apenas duas classes: os sábios e os tolos. Uma classe clamará em terror às rochas e às montanhas para cair sobre eles (Apoc. 6:16). Alegrementemente, os outros dirão: «Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará» (Isa. 25:9). «Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque, ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir virá, e não tardará.» (Heb. 10:35-37).

Sim, somos chamados a um senso de expectativa em Cristo. Amanhã estudaremos o reavivamento que Deus deseja para o Seu povo neste últimos dias. □ — (Tradução de M. N. Cordeiro.)

Sexta-feira, 26 de Novembro

Chamados ao Reavivamento — Em Cristo

A maior necessidade da Igreja

Ellen G. White

O artigo que se segue representa o mais veemente apelo a reavivamento e reforma feito por Ellen G. White.¹ Dentro do tema e espírito das leituras para esta semana, achei apropriado rever a sua mensagem, mais uma vez, com os nossos membros, esperando que esta receba a maior atenção e oração da parte de cada um. Permita Deus que ela tenha o desejado efeito nos nossos corações.

— Robert S. Folkenberg

Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser a nossa primeira ocupação. Importa haver diligente esforço para obter a bênção do Senhor, não porque Deus não esteja disposto a outorgá-la, mas porque nos encontramos carecidos de preparo para recebê-la. O nosso Pai celeste está mais disposto a dar o Seu Espírito Santo àqueles que Lho peçam, do que pais terrenos o estão a dar boas dádivas a seus filhos.

Cumpre-nos, porém, mediante confissão, humilhação, arrependimento e fervorosa oração, cumprir as condições estipuladas por Deus em Sua promessa para conceder-nos a Sua bênção. Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração. Enquanto o povo se acha tão destituído do Espírito Santo de Deus, não pode apreciar a pregação da Palavra; mas quando o poder do Espírito lhes toca o coração, então os ser-

mões não ficarão sem efeito. Guiados pelos ensinamentos da Palavra de Deus, com a manifestação do Seu Espírito, no exercício de sã discipulação, os que assistem às nossas reuniões adquirirão preciosa experiência e, voltando ao lar, achar-se-ão preparados para exercer saudável influência.

Os antigos porta-bandeiras sabiam o que significava lutar com Deus em oração, e fruir o derramamento do Seu Espírito. Estes, porém, estão-se retirando do cenário; e quem está surgindo para preencher-lhes o lugar? Como é com a geração que surge? Estão eles convertidos a Deus? Estamos nós alerta quanto à obra que se está desenvolvendo no santuário celeste, ou estamos à espera de algum poder impelente que venha sobre a igreja antes de despertarmos? Temos esperança de ver toda a igreja reavivada? Tal tempo nunca há-de vir.

Há na igreja pessoas não convertidas e que não se unirão em fervorosa, prevalemente oração. Precisamos entrar na obra individualmente. Precisamos orar mais, e falar menos. Abundante é a iniquidade, e o povo deve ser ensinado a não se satisfazer com uma forma de piedade sem o espírito e o poder. Se intentarmos esquadriñar o próprio coração, afastando os nossos pecados, corrigindo as nossas más tendências, a nossa alma não se inchará em vaidade; desconfiaremos de nós mesmos, possuindo permanente senso de que a nossa suficiência é de Deus.

Temos muito mais a temer de den-

tro do que de fora. Os obstáculos à força e ao êxito são muito maiores da parte da própria igreja do que do mundo. Os incrédulos têm direito de esperar que os que professam observar os mandamentos de Deus e ter a fé de Jesus façam muito mais que qualquer outra classe para promover e honrar, mediante sua vida coerente, seu exemplo piedoso, sua influência activa, a causa que representam. Mas quantas vezes os professos defensores da verdade se tem demonstrado o maior entrave ao seu progresso! A incredulidade com que se contemporiza, as dúvidas expressas, as sombras acariciadas, animam a presença dos anjos maus e abrem o caminho para a execução dos ardis de Satanás.

Abrindo a Porta ao Adversário

O adversário das almas não tem permissão de ler os pensamentos dos homens; é, porém, perspicaz observador, e nota as palavras; regista-as e adapta habilmente as suas tentações de modo a se ajustarem ao caso dos que se colocam em seu poder. Caso trabalhássemos para reprimir os pensamentos e sentimentos pecaminosos, não lhes dando expressão em palavras ou acções, Satanás seria derrotado; pois ele não poderia preparar suas especiosas tentações para as adaptar ao caso.

Mas quantas vezes, por sua falta de domínio próprio, professos cristãos abrem a porta ao adversário das almas! Divisões, e até amargas dissensões que infelicitariam qualquer comunidade mundana, são comuns nas igrejas, porque há tão pouco esforço para controlar os sentimentos erróneos e reprimir toda a palavra de que Satanás se possa aproveitar. Assim que surge uma separação de sentimentos, a questão é exposta diante de Satanás para sua inspecção, sendo-lhe oferecida oportunidade de usar sua sabedoria e habilidade de serpente para dividir e destruir a igreja.

Grande prejuízo há em toda a dissensão. Os amigos pessoais de ambos os lados tomam partido ao lado dos seus respectivos amigos, e assim abre-se mais a brecha. Uma casa dividida contra si mesma não pode subsistir. Engendram-se e multiplicam-se incriminações e recriminações. Satanás e seus anjos operam activamente para obter uma colheita da semente assim semeada.

Os mundanos contemplam isto, e exclamam zombeteiramente: 'Como esses cristãos se aborrecem uns aos ou-

tros! Se isto é religião, não a queremos!' E olham-se a si mesmos e a seu carácter irreligioso com grande satisfação. Assim são confirmados na impenitência, e Satanás exulta ante o seu êxito.

O grande enganador tem preparado os seus ardis para toda a alma não escudada para a provação nem guardada por oração constante e uma fé viva. Como pastores, como cristãos, cumpramos trabalhar para remover do caminho todas as pedras de tropeço. Temos de remover todos os obstáculos. Confessemos e abandonemos todo o pecado, para que o caminho do Senhor seja preparado, a fim de que Ele venha a nossas reuniões e comunique Sua preciosa graça. O mundo, a carne e o diabo precisam ser vencidos.

Não podemos preparar o caminho conquistando a amizade do mundo, que é inimidade contra Deus; com o Seu auxílio, porém, podemos romper com sua

Quantas vezes os professos defensores da verdade se têm demonstrado o maior entrave ao seu progresso.

sedutora influência sobre nós e os outros. Não podemos, como indivíduos ou como corporação, garantir-nos das constantes tentações de um implacável e resoluto inimigo; mas, no poder de Jesus, podemos resistir-lhes.

De todo o membro da igreja pode irradiar firme luz para o mundo, de modo que eles não sejam levados a indagar: Que faz esse povo mais que os outros? Pode e deve haver uma retracção da conformidade com o mundo, um recuo de toda a aparência do mal, de maneira que não seja dada nenhuma ocasião aos contraditores. Não podemos escapar ao vitupério; ele virá; devemos, porém, ser muito cautelosos para não sermos increpados por nossos próprios pecados ou loucuras, mas por amor de Cristo.

Não há coisa alguma que Satanás tema tanto como que o povo de Deus desimpeça o caminho mediante a remoção de todo impedimento, de modo a que o Senhor possa derramar o Seu Espírito sobre uma languesciente igreja e

uma congregação impenitente. Se Satanás pudesse fazer o que queria, nunca haveria outro despertamento, grande ou pequeno, até ao fim do tempo. Não somos, porém, ignorantes dos seus ardis. É possível resistir-lhe ao poder. Quando o caminho estiver preparado para o Espírito de Deus, a bênção virá. Satanás não pode impedir uma chuva de bênçãos de cair sobre o povo de Deus, mais do que fechar as janelas do Céu para que a chuva não caia sobre a Terra. Homens ímpios e demónios não podem obstar a obra de Deus ou excluir a Sua presença das reuniões do Seu povo, caso eles, de coração rendido e contrito, confessem e afastem de si os seus pecados, reclamando com fé Suas promessas. Toda a tentação, toda a influência contrária, seja ela franca ou oculta, será resistida com êxito, 'não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos' (Zac. 4:6).

Encontramo-nos no Dia da Expição

Achamo-nos no grande dia da expiação, quando os nossos pecados devem, pela confissão e o arrependimento, ir de antemão ao juízo. Deus não aceita agora um testemunho frouxo, sem vigor da parte dos Seus ministros. Tal testemunho não seria verdade presente. A mensagem para estes dias precisa ser alimento a seu tempo para nutrir a igreja de Deus. Mas Satanás tem procurado gradualmente roubar o poder desta mensagem, para que o povo não esteja preparado para subsistir no dia do Senhor.

Em 1844 o nosso grande Sumo Sacerdote entrou no lugar santíssimo do santuário celeste, para iniciar a obra do juízo investigativo. Os casos dos justos mortos têm estado a passar em revista diante de Deus. Quando esta obra se completar, o juízo deve ser pronunciado sobre os vivos. Quão preciosos, quão importantes são estes solenes momentos! Cada um de nós tem um caso impendente no tribunal celeste. Temos, individualmente, de ser julgados pelos actos praticados no corpo. No serviço simbólico, quando era efectuada a obra da expiação pelo sumo sacerdote no lugar santíssimo do santuário terrestre, requeria-se do povo que afligisse a sua alma diante de Deus e confessasse os seus pecados, para que fossem expiados e apagados. Será exigido menos de nós neste dia antípico da expiação, quando Cristo está intercedendo por

Seu povo no santuário celeste, e deverá ser proferida a decisão final, irrevogável sobre cada caso?

Qual é nosso estado neste terrível e solene tempo? Ai, que orgulho prevalece na igreja, que hipocrisia, que engano, que amor ao vestuário, à frivolidade e ao divertimento, que desejo de supremacia! Todos esses pecados têm obscurecido a mente, de modo que as coisas eternas não têm sido discernidas. Não pesquisaremos as Escrituras, para sabermos onde nos encontramos na história deste mundo? Não nos tornaremos esclarecidos quanto à obra que se está efectuando por nós neste tempo, e a atitude que nós como pecadores devemos ter enquanto esta obra de expiação está em andamento? Se temos qualquer consideração pela salvação da nossa alma, precisamos fazer decidida mudança. Precisamos buscar ao Senhor com genuíno arrependimento; importa que, com profunda contrição de alma, confessemos os nossos pecados, para que sejam apagados.

É preciso não ficarmos por mais tempo no terreno encantado. Aproximamo-nos rapidamente do fim do nosso tempo de graça. Indague cada alma: Como estou eu perante Deus? Não sabemos quão breve o nosso nome pode ser tomado nos lábios de Cristo, e nosso caso ser finalmente decidido. Quais, oh! quais serão essas decisões! Seremos nós contados entre os justos, ou numerados entre os ímpios?

A Igreja Deve Levantar-se e Arrepende-se

Levante-se a igreja e arrepende-se de suas prevaricações diante de Deus. Levantem-se os atalaias, e dêem à trombeta sonido certo. É uma advertência definida que temos de proclamar. Deus ordena a Seus servos: 'Clama em alta voz, não te detinhas levanta a tua voz como a trombeta e anuncia a Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacob os seus pecados.' (Isa. 58:1). A atenção do povo precisa ser atraída; a menos que se possa fazer isto, baldados serão todos os esforços; ainda que viesse um anjo do Céu e lhes falasse, suas palavras não operariam mais benefício do que se ele estivesse falando ao frio ouvido de um morto.

A igreja precisa despertar para a acção. O Espírito de Deus nunca poderá vir enquanto ela não preparar o cami-

nho. Deve haver diligente exame de coração. Deve haver oração unida e perseverante, e o reclamar, pela fé, as promessas de Deus. Deve haver, não o cobrir o corpo de saco, à semelhança da antiguidade, mas profunda humilhação de alma. Não temos a mínima razão para congratulação e exaltação própria. Devemos humilhar-nos sob a potente mão de Deus. Ele aparecerá para confortar e dar bênçãos aos que deveras buscam.

A obra está diante de nós; empenhar-nos-emos nela? Precisamos trabalhar depressa, precisamos avançar constantemente. Temos de preparar-nos para o grande dia do Senhor. Não temos tempo a perder, tempo para empenhar-nos em desígnios egoístas. O mundo deve ser advertido. Que estamos fazendo, como indivíduos, para levar a luz aos outros? Deus deixou a cada homem sua obra; cada um tem a sua parte a desempenhar, e não podemos negligenciar esta obra senão com risco para nossa alma.

Ó meus irmãos, entristecereis o Espírito Santo, e dareis lugar a que Ele Se afaste? Deixareis fora o bendito Salvador, por não estardes preparados para Sua presença? Deixareis almas perecer sem o conhecimento da verdade, porque amais demasiado vossa comodidade para levardes o fardo que Jesus carregou por vós? Despertemos do sono. 'Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar' (I S. Pedro 5:8).

Alguns anos mais tarde, num outro número da Review and Herald, a Sr.^a White voltou ao assunto do reavivamento e reforma. Terminamos com um parágrafo desse artigo.

Em muitos corações mal parece haver um sopro de vida espiritual. Isto me faz muito triste. Receio que não tenha sido mantida luta activa contra o mundo, a carne e o diabo. Alegrar-nos-emos por um cristianismo semimorto, o espírito egoísta e cobiçoso do mundo, partilhando de sua impiedade e sorrindo às suas mentiras? Não! Pela graça de Deus, sejamos firmes aos princípios da verdade, mantendo fiel até ao fim o princípio da nossa confiança. Não devemos ser «vagarosos no cuidado», mas «fervorosos no espírito, servindo ao Senhor» (Rom. 12:11). Um é nosso Mestre, isto é, Cristo. A Ele devemos olhar. D'Ele devemos receber a nossa sabedoria. Por Sua graça devemos conservar nossa integridade, permanecendo diante de Deus em mansidão e contrição, e representando-O perante o mundo.²

¹ Este artigo foi primeiro publicado na revista *Review and Herald*, de 22 de Março de 1887. Foi reimpresso em *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pp. 121-127.

² In *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 127 (Ver também *Review and Herald*, 25 de Fevereiro de 1902).

Ellen G. White foi uma das fundadoras da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que a reconheceu como possuindo o dom da profecia.

**No Sábado,
dia 27 de Novembro,
será levantada a Oferta
da Semana de Oração
e Sacrifício**

Chamados a Triunfar — Em Cristo

A Sua vitória é a nossa vitória

Robert S. Folkenberg

Era possível sentir-se a excitação no ar durante semanas. Podia ver-se o pó antes de ver o que o causava. Podia ouvir-se o barulho antes de se verem os carros de duas rodas puxados por cavalos. Roma inteira estaria ao longo da Via Ápia, uma das grandes estradas que deu lugar ao ditado popular: «Todos os caminhos vão dar a Roma.» Era a parada vitoriosa dum general romano conquistador. Enormes carros alegóricos com três e quatro andares de altura eram levados ao longo da parada, encenando batalhas vitoriosas, fortificações a ser tomadas por máquinas de guerra, templos de inimigos sendo incendiados e exércitos conquistadores. Alguns dos carros alegóricos, cobertos com ouro e marfim, expunham despojos de guerra.

«A um general vitorioso eram-lhe dadas as boas-vindas às portas da cidade imperial por oficiais do governo, onde se iniciava a marcha triunfal. Primeiro vinham os senadores, precedidos por um corpo de magistrados. Após os senadores vinham os trombeteiros, anunciando a aproximação do vencedor. Depois seguia-se um longo comboio de carros carregados com os despojos da guerra. Artigos de grande valor, raridade ou beleza eram plenamente expostos à vista. Havia também touros e bois brancos destinados ao sacrifício. Aqui e ali portadores de incenso agitavam os seus incensários, dum lado para o outro, perfumando o ar. Leões, tigres, elefantes e outros animais estranhos das terras cativas apareciam frequentemente na procissão. Depois destes vinham os reis, príncipes ou generais cativos, e uma longa fila de ca-

tivos inferiores, amarrados e algemados. A seguir vinha o grande conquistador, de pé num carro esplêndido. Ostentava na sua cabeça uma coroa de louros ou de ouro. Numa das mãos carregava um ramo de louro, emblema da vitória, e na outra o seu cassetete ou vara de autoridade.» (*The S.D.A. Bible Commentary*, vol. 6, p. 840.)

Paulo tinha em mente a imagem dum tal procissão quando escreveu: «Mas graças sejam dadas a Deus, que sempre nos conduz em procissão triunfal em Cristo e por meio de nós espalha em toda a parte a fragrância do seu conhecimento. Porque para Deus somos o aroma de Cristo entre aqueles que estão sendo salvos e aqueles que estão perecendo» (II Cor. 2:14-15, Traduzido da versão americana «New International Version»).

Noutra ocasião e de maneira diferente, outro Rei fez a Sua entrada triunfal. O Rei Jesus viajou para Jerusalém montado num jumento na Sua marcha vitoriosa triunfal. Assim como os generais conquistadores marchavam para Roma como heróis, do mesmo modo Jesus entrou em Jerusalém como um rei conquistador na semana da Sua crucificação, cumprindo assim a profecia de Zacarias: «Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e salvador, pobre, e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta» (Zac. 9:9).

Que contraste nesta procissão vitoriosa! O vencedor romano arrastava consigo príncipes vencidos em cadeias de escravidão. Jesus era seguido por pessoas que Ele tinha livrado da escla-

vidão da doença e do pecado. A conduzir o jumento que Jesus montava ia Lázaro, recentemente libertado da própria morte. Jesus era rodeado, não por cativos derrotados, mas por escravos libertados; não por inimigos humilhados, mas por amigos vitoriosos. Todas as pessoas «competiam umas com as outras em prestar-Lhe homenagem.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 616.) A multidão que deu as boas-vindas a Jesus, ao entrar em Jerusalém naquele domingo da Semana da Paixão, deu-Lhe as boas-vindas de conquistador real.

Durante toda a semana temos estudado o viver triunfante em Cristo. Quando vivemos uma vida de arrependimento e temos confiante certeza da nossa relação com Jesus, podemos viver vidas vitoriosas. Estamos numa marcha vitoriosa com Cristo, marchando para Sião. Alguém pode perguntar: «Como podemos ser triunfantes hoje, face a todos os problemas?» Outro pode dizer: «Sinto-me um falhado!» Lembremo-nos de que a vitória é de Cristo, não nossa. Quando uma equipa ganha uma vitória e obtém um troféu, toda a equipa ganha. Na vida cristã é importante que estejamos na equipa certa, a equipa de Deus. Deus por meio de Jesus Cristo ganhou a vitória na cruz.

Quando Jesus Voltar

A vitória que experimentamos hoje será dramaticamente magnificada quando Jesus voltar em triunfo. Hoje, apenas experimentamos uma amostra da vitória triunfante daquele dia, quando «um novo céu e uma nova terra» forem criados pelo nosso vitorioso Deus (Apoc. 21:1). O senso de triunfo que temos hoje é vivido na antecipação de Deus limpar «todas as lágrimas dos seus olhos» (v. 4). Imagina a procissão dos triunfantes, fugindo para sempre da dor e do sofrimento do pecado.

Ellen White descreve a primeira ascensão de Jesus. Podemos tirar lições dessa ascensão, uma vez que a Segunda Vinda será semelhante: «Enquanto eles ascendiam para a Cidade Santa, os anjos que escoltavam Jesus clamavam: 'Levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória' Os anjos na cidade perguntaram em êxtase: 'Quem é este Rei da Glória?' Os anjos escoltantes responderam em triunfo: 'O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso na guerra. Levantai, ó portas, as vossas cabeças, levantai-vos, ó entradas

eternas, e entrará o Rei da Glória' Outra vez os anjos expectantes perguntaram: 'Quem é este Rei da Glória?' e os anjos escoltantes responderam em melodiosos acordes: 'O Senhor dos exércitos; Ele é o Rei da Glória.' E o cortejo celestial entrou na cidade de Deus. Então toda a hoste angélica reedeu o seu majestoso Comandante, e com a mais profunda adoração curvaram-se perante Ele e lançaram aos Seus pés as suas brilhantes coroas. E depois tocaram as suas harpas de ouro, e em acordes suaves e melodiosos encheram todo o céu com rica música e cânticos ao Cordeiro que foi morto, contudo vive de novo em majestade e glória.» (*Primeiros Escritos*, pgs. 190, 191.)

Muitos estão tão temerosos, duvidando da sua própria segurança em Cristo, que qualquer conversa sobre triunfo parece prematura. Incertos da sua salvação, não experimentam vitória alguma e não esperam nenhum triunfo diário até se encontrarem de pé sobre o mar de vidro. As suas preocupações centram-se mais no tempo da tribulação do que no tempo da graça. O seu foco é mais sobre a dor presente do que na paz prometida. Estão tão apreensivos sobre as leis dominicais vindouras que deixam de gozar agora o prometido descanso do Sábado.

Mas o triunfo em Cristo não é baseado nos nossos feitos, mas nos feitos de Cristo. A Bíblia inteira fala de vitória e triunfo. Fala de vencer e ganhar. Jesus compara o reino de Deus a um banquete (Lucas 14:16-24), e também a um convite para uma festa de casamento realizada por um rei (Mat. 22:2-14). As vitórias da Bíblia não são as nossas vitórias, mas de Deus. Essa é a mensagem dos versículos seguintes:

□ «Pois o Senhor, vosso Deus, é o que vai convosco, a pelear contra os vossos inimigos, para salvar-vos» (Deut. 20:4).

□ «O Senhor deu vitória a David por onde quer que ele fosse» (II Sam. 8:6, traduzido da versão americana).

□ «Eu não confio no meu arco, a minha espada não me trará vitória; mas tu nos deste vitória sobre os nossos inimigos, humilhaste os nossos adversários» (Salmos 44:6, 7, *idem*).

□ «O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas do Senhor vem a vitória» (Prov. 21:31).

Reparemos nas vitórias que Deus ganhou para nós.

□ Ele ganhou para nós a vitória so-

bre do diabo no deserto da tentação. Satanás tentou três vezes a Jesus, mas Ele não cedeu, e vieram anjos e O serviram (Mat. 4:11).

□ Ele expulsou Satanás (João 12:31) e derrotou o dragão (Apoc. 12:7-10).

□ Ele ganhou a vitória sobre os poderes das trevas. «E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente, e deles triunfou em si mesmo» (Col. 2:15).

□ Ele ganhou a vitória sobre a morte pela Sua ressurreição. «E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam, por toda a vida, sujeitos à servidão» (Heb. 2:14-15).

Por causa do triunfo de Jesus na cruz a morte não pode arruinar o nosso senso de vitória. Jesus transformou um símbolo da derrota — a cruz — num símbolo de vitória. Não mais um instru-

Os perigos dos tempos bons são maiores do que os perigos dos tempos de perseguição.

mento de derrota total, a cruz tornou-se um símbolo de vitória eterna.

O triunfo de Cristo não é algo que Ele faz para Si mesmo. Não é a espécie de vitória orgulhosa que experimentamos na terra. A Sua missão de triunfo e vitória é por nossa causa. A Sua vitória é a nossa vitória. É uma vitória multifacetada.

Ele dá-nos a vitória sobre o pecado. «Que diremos pois? Permaneceremos no pecado para que abunde? De modo nenhum. Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?» (Rom. 6:1, 2).

Ele dá-nos a vitória sobre o mundo. «Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé» (I João 5:14).

Ele dá-nos a vitória sobre a dor e a tribulação. «Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de Ti, somos entregues à morte todo o dia;

fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas, em todas estas coisas, somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou» (Rom. 8:35-37).

Ele dá-nos a vitória sobre a morte. «E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é imortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas, graças a Deus, que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo» (I Cor. 15:54-57).

Jesus «sabia que a vida dos Seus confiantes discípulos seria como a Sua, uma série de vitórias ininterruptas, não vistas como tal aqui, mas reconhecidas como tal no grande futuro.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 739.) Pode parecer que os cristãos não triunfam. Aos olhos do mundo eles podem parecer derrotados. Mas a batalha decisiva foi ganha, e a vitória é nossa. Como Jesus disse: «Eu edificarei a minha igreja, e as portas do inferno (sepultura) não prevalecerão contra ela» (Mat. 16:18). Todos nós somos parte do corpo de Cristo, e nós triunfamos n'Ele.

Mas, apesar da vitória de Cristo, há ocasiões em que o desencorajamento surge de todos os lados, e em que a derrota parece iminente. Em tais ocasiões devemos lembrar-nos de que a vitória está nas mãos do Senhor. Ellen White escreveu: «Quando pensardes que o trabalho está em perigo, orai: 'Senhor, permanece ao leme. Carrega-nos através da perplexidade. Traz-nos com segurança até ao porto.' Não temos nós razão para acreditar que o Senhor nos trará triunfantemente até ao porto seguro?» (*A Fé pela qual eu vivo*, p. 282.)

Indo para o lar

Um proeminente cidadão estava moribundo na cidade. Enquanto jazia na sua bela casa, os melhores médicos à sua volta, ele segredou com um tom de desespero: «Estou a deixar o lar. Estou a deixar o lar.» No outro lado da cidade jazia uma figura solitária em ambiente despido. À sua modesta casa continha somente as coisas mais essenciais à vida, e estas já bem gastas. Mas nos seus olhos havia um brilho de fé. Antes de morrer, ela murmurou triunfantemente: «Vou para o lar. Vou para o lar.»

A minha Bíblia assegura-nos que

«ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve» (Isa. 1:18). Louvado seja Deus, há poder no sangue! E não somente somos perdoados, mas é-nos assegurada a vitória, porque «aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo» (Fil. 1:6). Se esta terra é o nosso único lar, encontraremos derrotas a cada passo. Mas o nosso lar celestial traz uma conclusão triunfante a toda a nossa tristeza, dor e derrota.

Satanás pode tentar desencorajar-nos ao dar-nos a impressão de que a nossa causa está perdida e que a vitória está para sempre fora do nosso alcance. Talvez alguns de nós estejamos convencidos de que é impossível sermos vitoriosos, que é demasiado difícil preencher os requisitos. A imagem que o diabo pinta sugere que somente uma pequena minoria, os melhores dos melhores, terão qualquer oportunidade de salvação.

Mas João, o revelador, não nos dá essa impressão. Ele diz: «Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos. E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro» (Apoc. 7:9-10).

João não chama aos salvos uma pequena minoria. Não sugere que a vitória de Cristo foi eficaz apenas para uns poucos. Pelo contrário, João proclama que havia «uma grande multidão que ninguém podia contar». Louvado seja o Senhor Deus que abriu as portas do céu para todos aqueles que escolherem seguir a Jesus!

Todos os que acham a sua certeza de salvação em Cristo estarão um dia de pé com aquela grande multidão descrita no Apocalipse: «E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou» (Apoc. 19:6-7).

Reparem nas testemunhas do triunfo de Cristo, as grandes vitórias pessoais através dos séculos. Estas são vitórias

que não seriam inscritas nas suas pedras tumulares pelo mundo, mas vitórias que estão inscritas onde conta, no livro da Vida do Cordeiro. No juízo da humanidade, estes não são o povo triunfante, mas eles são vitoriosos pelos padrões de Deus. Os triunfantes de Deus são os apóstolos mártires Pedro e Paulo; os mártires da perseguição de Nero; os mártires de Domiciano; os mártires do Coliseu de Roma; os mártires da Reforma; e os missionários cujo sangue se mistura com o solo da China, Índia, Japão, África e ilhas do mar. Juntamente com estes estarão todos os que viveram como luzes para Cristo num mundo de escuridão e pecado. Todos são vitoriosos. O segredo da sua vitória é viver em Cristo.

Há um outro grupo triunfante. Não são mártires do passado, mas os triunfantes de hoje. São os que durante a era de indolência e presunção de Laodiceia seguiram o conselho de Apocalipse 3 e compraram «ouro provado no fogo,... e vestidos brancos, para que te vistas,... e colírio para que unjas os teus olhos» (Apoc. 3:18). Entre este grupo há jovens que recusaram cair nos pecados

do conformismo numa sociedade perversa, pessoas idosas que têm erguido bem alto o estandarte da verdade numa época de compromisso, e todas as pessoas que compreendem que os perigos dos tempos bons são maiores do que os perigos dos tempos de perseguição.

«Eu perguntei-lhes donde veio a sua vitória;

Eles, em uníssono,
Atribuíram a sua conquista ao
Cordeiro,

O seu triunfo à Sua morte.» (Isaac
Watts.)

Agora temos...

- Arrependimento em Cristo,
- Segurança em Cristo,
- Vitória em Cristo,
- Compaixão em Cristo,
- Testemunho em Cristo,
- Expectativa em Cristo,
- Reavivamento em Cristo,
- Triunfo em Cristo.

Tudo isto pode ser nosso em Cristo. Possamos nós todos viver pela fé em Cristo para que em breve possamos estar com Ele — para sempre e por todos os séculos da eternidade. Amén. — (Tradução de M. N. Cordeiro.)

«O nosso Pai celestial está desejoso de derramar sobre nós a plenitude de Suas bênçãos. É nosso privilégio beber a largos sorvos da fonte do Seu ilimitado amor. Como é de admirar, pois, que oremos tão pouco! Deus está pronto para ouvir a oração sincera do mais humilde de Seus filhos, e contudo há tanta relutância da nossa parte em tornar conhecidas a Deus as nossas necessidades! Que pensarão os anjos do céu, a respeito dos pobres e desamparados seres humanos, sujeitos à tentação, quando o coração de Deus, pleno de infinito amor, se inclina anelante para eles, pronto para lhes dar mais do que sabem pensar ou pedir, e contudo oram tão pouco, e tão pouca fé exercem! Os anjos têm prazer em prostrar-se perante Deus; deleitam-se em estar em Sua presença. Consideram a comunhão com Deus como seu mais alto gozo; e contudo os filhos da terra, que tanto precisam do auxílio que só Deus pode dar, parecem satisfeitos andando sem a luz do Seu Espírito e sem a companhia da Sua presença.

Ellen G. White, in *Aos Pés-de Cristo*, págs. 101, 102

«Por favor, Deus, Quem és Tu?»

Por Malcolm Allen, director-adjunto do Ministério Pessoal na Conferência Geral.

SÁBADO

20 de Novembro

O Eu Sou o que Sou

Escritura: Êxodo 3:1-14

Há alguns anos, quando eu estava no Gana, África Ocidental, assisti a uma recepção de estado levada a efeito pelo rei dos Ashanti. Após a recepção fui convidado a entrar no palácio, onde vi o trono do rei. Era um banco entalhado, coberto com ouro puro. A base e as pernas do banco tinham a forma da primeira letra do seu alfabeto e também o nome do seu deus.

Eu perguntei o que significava o nome do seu deus e alguém me disse que significava «o eu sou». Ora, eu não sei se eles conheciam o verdadeiro Deus que nós adoramos, mas o nosso Deus deu-Se a Si mesmo um nome estranho que é quase parecido àquele.

Um dia Moisés estava a apascentar as suas ovelhas na terra de Midian quando Deus lhe falou da sarça ardente. Deus disse-lhe para dizer ao governador do Egipto para deixar o Seu povo regressar ao seu próprio país. Moisés sentiu-se um bocado nervoso

sobre esta tarefa e perguntou: «Que autoridade tenho? Quem lhes direi que me enviou?»

Deus respondeu:

— Diz-lhes o nome do Deus que te enviou.

— E que nome darei? — perguntou Moisés.

— Tu dizes-lhes simplesmente que o «Eu Sou o que Sou» me enviou a vós.

Ora, esse era um nome estranho.

Mas Moisés sabia o que significava. Era um nome com autoridade.

Quando Moisés disse aos Israelitas quem o enviara, eles compreenderam quem era. Quando Moisés falou a Faraó, o governador do Egipto, ele também compreendeu, mas não quis admiti-lo. Faraó sabia que este era o Deus que está vivo e tem poder para criar todas as coisas.

Ora, os Egípcios tinham muitos deuses feitos de madeira e de pedra. Todavia, nenhum dos seus deuses era vivo. Nenhum podia falar. Mas este Deus, o Eu Sou o que Sou, era um Deus-Criador vivo. Ele tinha poder e autoridade porque era real. Diferente dos deuses mortos dos pagãos, feitos de madeira e pedra, o nosso Deus — o Eu Sou — existe realmente e está vivo!

Mas porque o Eu Sou era tão grande, poderoso e sábio, Satanás começou a espalhar mentiras a Seu respeito. Satanás disse que Deus era cruel e imperdoador, Alguém que é preciso temer. Isto não

era verdade. Isto entristeceu Deus porque muitas pessoas já não acreditavam mais n'Ele. Assim Deus decidiu enviar o Seu Filho, Jesus, à Terra, para nos revelar como Deus é na realidade. Eu estou muito contente por Ele o ter feito. Agora compreendemos muito mais acerca de Deus. Por meio de Jesus, nós vimos que Deus é amável, gentil e perdoador. Ele não deseja magoar-nos. E Ele não é Alguém que devamos temer. Ele pode dar a Si mesmo um nome estranho, mas Ele ama os jovens e também as pessoas idosas, como vós e eu.

DOMINGO

21 de Novembro

«Por favor, Deus, quem és Tu?»

Escritura: Mat. 11:1-13; Lucas 15:11-31; Mat. 19:14-15.

Antes de Deus enviar Jesus a este mundo, as pessoas costumavam perguntar-se como é que seria Deus. Elas ouviam o ribombar dos trovões no céu ou viam terríveis tempestades derrubando árvores e interrogavam-se se Deus não estaria zangado. Então clama-

vam a Deus para não as ferir.

Outras vezes, quando o sol se erguia e o mundo se mostrava belo, elas pensavam, então, que o grande Deus nas alturas devia ser agradável. Interrogavam-se se Deus alguma vez sabia quando elas estavam em dificuldades. Pensaria Ele alguma vez nelas? Elas não tinham a certeza.

Algumas pessoas faziam imagens para orar a elas — ídolos feios de madeira e imagens grandes de ouro — a que chamavam deuses. Pretendiam que estas imagens as protegessem do verdadeiro Deus.

Outras pessoas, de facto, criam em Deus, mas mesmo estas não sabiam como Ele era de verdade. Também tinham algum temor d'Ele.

Então Jesus veio à terra e contou-lhes coisas deleitáveis acerca de Deus e do lugar onde Ele mora.

Ele disse-lhes que era um mundo maravilhoso, amável e belo, onde todas as pessoas são felizes e ninguém pratica o mal. Contou-lhes especialmente as histórias que elas mais gostavam de ouvir, que no lugar donde Jesus veio — onde Deus habita — nós podemos viver um dia também.

Jesus disse: «Vocês não precisam de ter medo de Deus. Deus é o amigo mais amável e querido que têm. Não pensem que Ele seja cruel ou rude. Ele é um amigo que está muito interessado em vós e cuida mais de vós do que um pai ama os seus fi-

lhos. De facto, quando oramos, chamamos-Lhe: «Pai Nosso».

Um dia, Jesus estava a falar a algumas pessoas que tinham sido muito más. Elas estavam tristes por aquilo que tinham feito, mas receavam que Deus não as perdoasse. Para as ajudar a compreender, Jesus contou-lhes a história do rapaz que fugiu de casa. Ele quase tinha partido o coração do pai. Viveu uma vida má numa cidade grande muito longe da sua casa. Quando acabou de gastar todo o seu dinheiro e estava cheio de fome, ele quis regressar para o seu velho e feliz lar, mas receava voltar. Pensou que o pai estaria zangado. Por fim decidiu voltar para casa e no caminho obteve a maior surpresa da sua vida! Ele esperava ver um pai zangado, mas lá, numa curva da estrada, viu o seu querido pai tentando correr para se encontrar com ele. O pai tinha um enorme sorriso no rosto e exclamava com excitação: «O meu filho voltou para casa! O meu filho voltou para casa!»

E Jesus disse: «É assim que Deus é. Quando vocês fazem alguma coisa má, isso magoa terrivelmente a Deus. Mas quando vocês ficam tristes por aquilo que fizeram, todos ficam contentes, até mesmo os anjos de Deus.»

Jesus gostava de falar às pessoas acerca de Deus e do Seu lar. «Porque estou tão interessado em vocês», disse Ele, «Eu vim aqui abaixo para vos contar as boas-novas acerca do nosso reino, para vos dizer o quanto o vosso Pai vos ama e tornou possível que vocês mesmos estejam um dia lá com Ele.»

Estou muito contente por aquilo que Ele nos disse. Eu quero estar lá com Ele — e vocês?

SEGUNDA-FEIRA

22 de Novembro

«Eu Sou a Luz»

Escritura: João 8.12

Uma tarde, quando já estava a escurecer, Jesus e os Seus discípulos iam a sair do templo em Jerusalém. Era a semana dum festival especial chamado a Festa dos Tabernáculos. À porta do templo estavam duas lâmpadas gigantes, uma de cada lado. Elas ardiam toda a noite e todo o dia como parte do festival, e podiam ser vistas de toda a cidade. Jesus colocou-Se entre estas duas lâmpadas gigantes e disse: «Eu sou a luz do mundo!»

Que queria Ele dizer com isso?

Ele explicou que todo aquele que O seguir nunca andará em trevas, mas terá a luz. Quando Jesus entra nas nossas vidas e cremos na Sua Palavra, é como uma luz que brilha em todos os cantos da nossa vida. Essa é a razão por que Ele disse: «Eu sou a luz do mundo.» Não pode haver pecado algum quando Ele está nas nossas vidas, porque Ele é a luz e a escuridão não pode existir juntamente com a luz.

Quando eu era garoto, tinha medo da escuridão. Nós não tínhamos electricidade. Tínhamos de usar candeeiros a petróleo ou velas. Tínhamos de carregar os nossos candeeiros dum quarto para outro. Havia muitos cantos escuros e grandes sombras escuras. Eu não gostava nada da escuridão. Lembro-me do dia em que ligaram a electricidade à nossa casa. Foi

muito excitante. Eu nem conseguia esperar pelo pôr-do-sol, para poder acender as luzes. A casa ficou cheia de luz. Deixou de haver cantos escuros, bem como as assustadoras sombras grandes. Eu deixei de ter medo porque agora tinha luz.

Se vocês sentirem medo ou aflição, deixem Jesus ser a vossa luz. Ele prometeu até acender a nossa lâmpada. Ele dar-nos-á as respostas que necessitamos e mostrar-nos-á o que é certo e o que é errado. Se usarmos a Sua luz, nunca teremos medo nem nos perderemos na escuridão que o pecado faz neste mundo.

A Bíblia chama a Satanás o «príncipe das trevas». Ele tenta esconder as boas-novas acerca de Deus. Ele traz todo o pecado, sofrimento e morte a este mundo e depois tenta lançar as culpas de tudo isso sobre Deus. Ele deseja manter as pessoas nas trevas para que não aprendam a verdade acerca de Deus.

Há alguns anos, estive no país de Gales e visitei uma mina de carvão. Desci até bem ao fundo para ver como era aquilo. A única luz que tínhamos era a lanterna que levávamos fixa nos nossos capacetes.

Quando tínhamos descido cerca de um quilómetro e meio, o nosso guia parou e disse: «Este é o lugar onde comecei a trabalhar quando era um rapazinho. Nós não tínhamos lanternas a pilhas naquela altura, usávamos velas.» Ele pediu-nos que apagássemos as nossas lanternas. Ficou escuro como breu! Enquanto ali estivemos na escuridão, o velho homem disse-nos que quando era rapaz, às vezes deixavam-no a trabalhar ali sozinho, e quando a vela se apagava, ele ficava na escuridão. Se não conseguise encontrar os fósforos, ele teria de andar ou gatinhar todo o caminho até ao cimo às escu-

ras. Às vezes era difícil dar com o caminho às escuras. Enquanto ali estávamos na escuridão, alguém mais abaixo no poço acendeu uma lanterna de pilhas e logo houve luz e eu pude ver. A escuridão desaparecera.

Eu pensei no rapaz na mina com a vela apagada e sem fósforos para a voltar a acender. Às vezes sou mesmo como aquele rapaz. Vivo neste mundo que está cheio da escuridão do pecado. Não consigo ver e não consigo encontrar o meu caminho. Mas posso pedir a Jesus, e Ele acende a minha lâmpada. Quando Jesus chega, não há mais sombras escuras. Não há escuridão alguma porque Ele é luz. Ele dá-me luz e assim posso encontrar o meu caminho. João escreveu: «Deus é luz e não há nele trevas nenhuma» (I João 1:5). Eu desejo que Jesus seja a minha luz — sempre. E vocês? Ele disse-nos que será a nossa luz.

TERÇA-FEIRA
23 de Novembro

«Eu Sou o Pão da Vida»

Escritura: João 6.

Fechem os vossos olhos por um momento. Quero que imaginem que estão a passar por uma padaria e podem sentir o cheiro de pão fresco. Estão a começar a lamber os vossos lábios e a imaginar que o estão a comer? Nada se compara ao cheiro de pão fresco.

Em quase todos os países do mundo as pessoas cozem

pão e comem-no. Jesus devia saber isto, pois falou muito sobre pão, usando-o para nos ensinar mais acerca de Deus.

Um dia uma grande multidão veio ver Jesus. As pessoas tinham andado um longo caminho para O encontrar. Jesus andou ao redor da multidão, ouvindo o que os preocupava, curando as crianças doentes e contando-lhes coisas maravilhosas acerca do Seu Pai no Céu. E os discípulos andaram também entre a multidão, ajudando todos aqueles que podiam.

Por fim começou o anoitecer. Jesus pensava naquelas pessoas cansadas e esfomeadas. Ele desejava que comessem alguma coisa.

— Que pensas que podemos fazer, Filipe? — perguntou Jesus.

— Nós não podemos fazer nada, Mestre. Nós não temos dinheiro suficiente para comprar pão para todas estas pessoas. E, além disso, não há lojas por aqui perto!

Depois chegaram os outros discípulos e disseram:

— Senhor, manda-os embora.

— Não, disse Jesus, não podemos fazer isso. Nós mesmos precisamos de lhes dar de comer.

— Mas Senhor, como o podemos fazer? Isso é impossível! A única pessoa que vimos com alguma comida é aquele rapazinho acolá. Ele tem cinco pequenos pães de cevada e dois pequenos peixes.

— Chamem-no para vir a Mim, disse Jesus.

E assim o rapaz veio a Jesus e deu-lhe os cinco pequenos pães que não tinha comido. As pessoas sentaram-se na relva. Todos observavam Jesus, imaginando o que Ele iria fazer.

Então Jesus tomou o cesto do rapazinho, retirou o guardanapo que tapava tudo, e ti-

rou cinco pequenos pães e os dois peixinhos cozidos. Depois, fez uma pequena oração, partiu alguns dos pães redondos e achatados com os Seus dedos e deu-os aos discípulos. Enquanto as pessoas observavam, Ele continuou a partir pedaços de pão e peixe — os pães não diminuam, nem os peixes. Os discípulos pensavam que estavam a sonhar.

As pessoas esfomeadas, incluindo muitas crianças, comeram e ficaram saciadas. Mesmo assim sobraram 12 cestos cheios. Quando Jesus tentou despedir a multidão, eles não queriam partir. Excitados, davam vivas e aplaudiam em altos gritos, e algumas das pessoas quiseram fazê-l'O rei ali mesmo.

No dia seguinte eles vieram procurar Jesus, mas Ele não estava lá. Após algum tempo encontraram-n'O a uma grande distância do outro lado do lago.

— Eu sei porque vocês Me vieram procurar hoje outra vez, disse Jesus. Vocês gostaram e apreciaram a refeição grátis de ontem. E agora vocês querem mais. Eu posso, na verdade, dar-vos mais pão como o de ontem. Mas se o fizer, vocês voltam a ter fome outra vez. Posso dar-vos pão melhor do que esse. E se vocês comerem do pão que Eu vos der, vocês nunca mais terão fome e viverão para sempre» (Ver João 6).

— Dá-nos desse pão especial, pediram eles.

Então Jesus disse: «Eu sou o pão da vida.»

Alguns não compreenderam e disseram: «Que quer Ele dizer?»

Mas outras pessoas compreenderam. Jesus deseja que tenhamos fome de ouvir o que Ele tem a dizer. A Sua Palavra dá-nos todas as respostas de que necessitamos nas nossas vidas. O pão do forno fará cessar a nossa fome durante um pouco de

tempo, mas o pão de Deus — a Sua vida, a Sua Palavra — dar-nos-á vida agora e para sempre, se crermos n'Ele. Foi isto que Jesus quis dizer quando disse: «Eu sou o pão da vida.»

Ele está à espera que vocês tomem o Seu pão. Deseja ver-vos a sorrir e a dizer: «Muito obrigado.»

QUARTA-FEIRA
24 de Novembro

«Eu Sou
a Água da
Vida»

Escritura: João 7:1-46.

Já alguma vez ficaram com muita sede — com a vossa boca, a língua e a garganta todas secas? E tudo o que desejavam era beber um bom copo de água fresca?

Eu já tive assim sede um dia. Estava a subir uma montanha com uma mochila às costas, com um grupo de jovens. Era Verão e estava muito calor! Nós tínhamos estado a andar todo o dia e estávamos cansados e com muita sede. Já não tínhamos nenhuma água nos nossos cantis. Quanto mais pensávamos em água, mais sede tínhamos.

Então alguém se lembrou que a cerca de 3 km mais à frente deveria haver uma pequena fonte de água pura e cristalina jorrando da rocha, no cimo da montanha. Nós começámos a pensar em quão bom seria podermos beber um pouco desta água fresca. Parecia que nunca mais lá chegávamos.

Finalmente encontrámos o

lugar, mas que desapontamento para nós! Era Verão e a fonte tinha quase parado de correr. Sim, havia uma pequena poça de água, mas os animais selvagens tinham-na descoberto antes de nós, e a água estava suja e o lugar tinha um cheiro terrível.

A Melhor Fonte

Jesus estava sempre à procura de maneiras de falar de Deus às pessoas. Era o último dia, o melhor dia, do festival judaico em Jerusalém. A parte mais importante da celebração era a cerimónia especial do derramamento de água.

Uma imensa multidão de pessoas agitando ramos de palmeira e cantando louvores a Deus encaminhavam-se para o tanque de Siloé, para trazerem água para um serviço especial no templo. À frente da procissão caminhavam os sacerdotes vestidos com os seus belos trajes. O sumo sacerdote carregava um grande jarro de ouro. No tanque de Siloé enchiam o jarro com água fresca, cristalina e pura, e depois levavam-no cuidadosamente de volta para o templo, cantando, gritando e louvando a Deus durante todo o caminho.

Então, de volta no templo, todos observavam o sacerdote a derramar sobre o altar a água do jarro. Isto era para lhes lembrar como Deus dera água fresca e pura ao povo no deserto. Mas a cerimónia era também uma lembrança de que Deus dá uma bênção especial às pessoas que têm sede d'Ele nos seus corações. Pois naquela multidão, exteriormente feliz, havia muitos que se sentiam infelizes e tristes e se sentiam sedentos de Deus.

Quando terminava o serviço especial, os sacerdotes tocavam as trombetas de prata e as pessoas cantavam: «Oh, dai graças a Deus, porque a Sua misericórdia dura para

sempre!» Então cessava a música. Havia uma pausa e tudo ficava sossegado. De repente ouviu-se uma vez. Era Jesus. Todos se viraram e olharam para Ele. Escutando, ouviram Jesus dizer: «Se alguém tem sede, venha a Mim, e beba. Eu sou a água da vida.»

Agora as pessoas podiam compreender o significado do festival. Elas queriam, de facto, conhecer a Deus. Os seus corações estavam muito sedentos, Jesus disse: «Eu sou a água. Vinde e bebei de Mim. Aprendam de Mim e ouçam o que Eu tenho a dizer. Não ficarão decepcionados.»

Estão vocês com sede de Jesus hoje?

QUINTA-FEIRA
25 de Novembro

«Eu Sou o Bom Pastor»

Escritura: Mat. 18:12-14; Lucas 15:3-7; João 10:11-18.

Jesus tinha uma maneira muito interessante de alcançar as pessoas. Ele não pregava sermões longos. Não usava palavras complicadas. Ele procurava apenas conversar com as pessoas. Às vezes, elas faziam-Lhe perguntas, mas a maior parte das vezes Ele contava-lhes histórias. Nestas histórias, Jesus dizia-lhes o que desejava que elas conhecessem e compreendessem.

Uma vez, Ele contou-lhes a história de um grande rei com os seus servos à sua volta na sala principal do seu

castelo e pequenas pilhas de dinheiro sobre a mesa comprida. Ele contou muitas outras histórias — como aquela do homem velho avarento que continuou a construir mais edifícios para guardar todas as coisas que possuía, ou a do fariseu que foi ao templo para orar, ou a do homem rico, na sua casa grande, que não ajudava um pobre sem casa que lhe pedia comida à porta.

Havia uma coisa que Jesus gostava especialmente de ensinar. Era que Deus é como um pai para todos nós. Deus deseja salvar mesmo os meninos e meninas desobedientes. Jesus contava histórias sobre coisas que as pessoas viam todos os dias.

Um dia, quando Jesus estava a andar com os Seus discípulos na estrada para Jerusalém, contou-lhes uma história sobre ovelhas. Em muitas partes do mundo os lavradores cuidam das suas ovelhas — não centenas ou milhares de ovelhas, mas apenas umas poucas. Logo de manhã bem cedo, os pastores chamam todas as ovelhas pelo nome e elas seguem-no. Elas saem para procurar boa erva fresca. Os pastores guardam as ovelhas todo o dia. Eles certificam-se se elas estão protegidas de qualquer perigo e se têm suficiente comida e água. Se estiver calor, eles procuram uma sombra para as ovelhas à noite, chamam de novo as ovelhas e conduzem-nas de volta a casa. Contam-nas, para se certificarem que não falta nenhuma, e depois fecham a porta do curral para evitar que algum mal lhes aconteça durante a noite, quando eles não estão junto delas.

Jesus contou a história de um homem que tinha 100 ovelhas. Um dia, quando as levou a pastar em boa erva fresca, uma delas desviou-se,

por ser travessa, e perdeu-se. O pastor — que é o nome que damos à pessoa que guarda ovelhas — ficou muito perturbado. Ele pensou: *O que acontecerá se a minha ovelha cair da montanha por um precipício abaixo, em cima de pedras, ou for atacada por animais selvagens?*

Assim, ele caminhou por campos e montes à procura da sua ovelha perdida. Procurou, procurou até que por fim a encontrou. Ela estava demasiado causada para poder andar. O pastor pegou nela, pô-la às suas costas e carregou-a para casa. Quando chegou a casa, convocou todos os seus amigos e disse-lhes: «Estou muito contente! Vinde a minha casa para uma festa porque achei a minha ovelha que se tinha tresmalhado.»

Depois Jesus disse: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas!»

«Essa é a maneira como Deus Se sente quando meninos e meninas se afastam de Deus», disse Jesus.

Nós não somos ovelhas, mas Deus ama-nos como o bom pastor ama as suas ovelhas. Se nos tresmalhamos, Ele fica muito contente quando voltamos!

Jesus sabe o nome de cada menino e de cada menina. Ele ama a cada um de vós. Jesus conhece tudo sobre nós e cuida de nós. Ele morreu por nós para que possamos voltar a estar de novo em segurança na Sua casa. Jesus é Alguém em quem podemos confiar.

SEXTA-FEIRA
26 de Novembro

«Eu Sou o Caminho»

Escritura: João 14:1-14

Já alguma vez imaginaram o que seria viajar com Jesus quando Ele viveu aqui na Terra? Talvez o devamos fazer agora. Fechemos os nossos olhos e puxemos os ecrans na parte de trás das nossas mentes e comecemos a imaginar um filme do que bem poderia ter acontecido naquela época remota.

Jesus está a andar por uma estrada poeirenta com os Seus discípulos. Estão a caminhar de Jerusalém para Cafarnaum. É manhã cedo.

Enquanto Jesus e os discípulos caminham, não encontram muitos sinais na estrada a indicar as diversas direcções. Então chegam a um cruzamento. Que estrada devem tomar para Cafarnaum? Pedro pergunta a um homem que está à espera ao lado da estrada, mas ele não sabe o caminho. André pergunta a uma mulher que está sentada junto da estrada, a vender laranjas, mas ela também não sabe o caminho. Então Jesus diz a Tomé, um dos discípulos: «Pergunta àquele homem que está a vir na nossa direcção com um burro. Penso que ele deve saber o caminho.»

Assim, Tomé dirige-se ao homem e pergunta: «Sabe o caminho para Cafarnaum?»

«Sim, responde o homem. «Venho de lá agora mesmo. Posso ensinar-vos o cami-

nho.» Então dá-lhes as devidas instruções.

Meses mais tarde, Jesus estava a acabar a ceia pascal com os Seus discípulos. Ele começou a falar com eles: «Não fiquem perturbados ou preocupados. Vocês confiam em Deus. Agora confiem em Mim. Há muitas moradas onde habita o Meu Pai, e Eu vou para lá para vo-las preparar, de modo que estejam prontas quando vocês forem para lá. Quando tudo estiver pronto, Eu virei outra vez, para vos vir buscar, para que vocês estejam sempre onde Eu estiver. Se isto não fosse verdade, Eu vo-lo teria dito claramente. Vocês, discípulos, sabem para onde Eu vou e sabem como ir para lá.»

— Não, nós não sabemos, — disse Tomé — Nós não temos ideia alguma para onde Tu vais. Como podemos de alguma maneira saber o caminho?

Jesus respondeu:

— Tomé, lembras-te daquela vez em que caminhámos para Cafarnaum? Como achámos o caminho? Tu perguntaste a um homem que vinha com um burro que vinha de lá e ele sabia o caminho.

Depois Jesus voltou-Se para o resto dos discípulos:

— Se vocês quiserem chegar ao céu, precisam de perguntar a alguém que já lá esteve. Vocês podem perguntar-Me. Eu vim do Céu e volto para lá. Eu sou o caminho. Se quiserem ir para o céu, então precisam de Me permitir dar-vos as indicações correctas. Vocês precisam de Me ouvir. Eu sou o único que conhece verdadeiramente o caminho.

Isto é verdade. Nós não podemos conhecer a Deus e viver com Ele a não ser que conheçamos e amemos Jesus primeiro.

Eu estou muito contente por ter ouvido esta história. Eu quero viver com Deus pa-

ra sempre. Uma vez que Jesus sabe o caminho e prometeu levar-nos, nós estaremos absolutamente seguros em O seguir. Não podemos perguntar a mais ninguém indicações do caminho. Jesus é o único. Estão vocês a ouvir-O e a seguir o Seu caminho?

SÁBADO
27 de Novembro

«Eu Sou... a Vida»

Escritura: João 3:1-21

Houve uma vez um homem muito importante que quis ver a Jesus, mas não queria que ninguém o visse a falar com Jesus. Ele esperou até o sol se pôr e ficar escuro. Então foi e encontrou-se com Jesus num jardim. Ele tinha muitas perguntas para fazer a Jesus acerca de Deus, e onde Ele habita, e como ele lá podia chegar. O nome deste homem era Nicodemos. Encontramos a sua história em João 3.

Jesus teve uma conversa maravilhosa com Nicodemos. Jesus disse: «Aqueles que crêem em Mim não morrem como os maus, mas Eu dar-lhes-ei vida para sempre. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu único Filho, Jesus. Qualquer que crer em Mim não morrerá, mas ser-lhe-á dada vida para sempre. Deus não enviou o Seu filho ao mundo para castigar as pessoas quando elas fossem más. Em

vez disso, o Seu Filho veio para salvar o mundo e dar-lhes vida.»

Um rapazinho começou um dia a pensar acerca da vida e perguntou a um velho: «Pode dizer-me o que é que é importante na vida?»

O velho pensou por uns instantes e depois levou-o até ao seu carro, que estava estacionado numa rua. O velho tomou o rapaz pelo braço, levou-o até à parte da frente do carro e deu um pontapé na roda da frente.

— O que é isto? — perguntou ele ao rapaz.

— É uma roda, — respondeu o rapaz.

— E o que é que está na roda? — perguntou o velho.

— É um pneu.

— Está bem — respondeu ele.

Ele levou depois o rapaz para a outra roda da frente e a seguir para as de trás e fez as mesmas perguntas. O rapazinho estava intrigado e começou a interrogar-se sobre o que é que o velho estava a fazer.

— Agora — perguntou o velho — o que é que aconteceria se eu deixasse sair o ar dum pneu?

O rapaz olhou com surpresa para o velho. Ele estava seguro de que o velho tinha enlouquecido. — O senhor ficaria com o pneu vazio.

— É verdade, — disse o velho. — Este carro, que anda sobre quatro pneus cheios de ar, é exactamente como a tua vida. Se não houver ar nenhum nos pneus uma pessoa não consegue mover o carro. Tu podes ter um corpo forte, um bom cérebro, muito dinheiro, muitos brinquedos, mas isto não é o que é importante. É importante teres Deus na tua vida. Imagina que o ar nos pneus representa Deus. Se não tiveres Deus na tua vida, não podes ir a parte nenhuma.

O rapazinho pensou por uns momentos e depois disse: — O senhor tem razão. Eu tenho um bom corpo, um bom cérebro, o jogo do monopólio e outros bons jogos, mas mesmo assim não sou feliz. Eu penso que tenho justamente um pneu furado.

Aquele rapaz compreendeu o que Jesus quis dizer quando disse: «Eu sou a tua felicidade.

Nós precisamos de Deus nas nossas vidas. O nosso Deus pode ter um nome estranho, mas não precisamos de ter medo d'Ele. Ele amou-nos. Enviou o Seu Filho, Jesus, para nos mostrar como Ele é. Falou-nos acerca do Seu mundo e donde Ele veio. Ele disse-nos quão interessado Deus está em cada um de nós e como somos muito especiais para Ele. Explicou como Ele é a luz, de modo que nunca precisamos de temer a escuridão do pecado neste mundo. Disse-nos que Ele é como o nosso pão e água, de modo a nunca ficarmos espiritualmente famintos ou sedentos se confiarmos n'Ele. Mostrou-nos que Ele é como um bom pastor que nos guarda em todo o tempo. A seguir Ele explicou que quando O seguimos não nos perderemos, porque Ele é o caminho. Se tivermos luz, comida, abrigo, protecção e se andarmos com Ele cada dia, teremos uma vida maravilhosa, tanto no nosso mundo como no Seu mundo, para onde Ele nos levará em breve.

Não estão vocês excitados? Porque não Lhe agradecem agora mesmo por Ele ser assim um grande Deus e não Lhe dizem quanto O amam? Isso fá-l'O-á ficar muito feliz e também vos fará ficar felizes.

(Tradução de M. N. Cordeiro)

O CRISTO



Ali O contemplei — o Cristo humilde
Aquele que deixou a luz deslumbradora,
e à Terra veio em noite a mais escura,
pousar em uma pobre manjedoura
— a caminha mais pobre e também a mais dura —
em meio da frieza e do desdém
dos habitantes de Belém.

Vi-O nascer na incómoda caminha,
por almas, como a tua e a minha!

Vi-O depois, o Cristo que chorava!
No cimo do Olivete, em agonia,
ao ver o povó imerso em perdição,
desafogava a dor que O oprimia
por desprezarem Sua redenção.
A grande angústia a alma Lhe definha;
chorou por almas — como a tua e a minha!

Vi-O também, o Cristo de oração!
No jardim tanta vez ajoelhado
eu O vi, fervoroso e suplicante,
à parte de contendas e cuidado
a comungar com Deus, em prece instante.
Oh! foi ali, nesse jardim,
que O vi orar por ti, por mim!

E vi-O ainda — o Cristo sofredor!
O sofrimento abate o régio Vulto
quando Ele ascende ao cimo do Calvário,
da grande cruz vergado ao peso estulto.
E eis que desmaia ao peso extraordinário
do fardo que Seu Ser dobra e espezinha...
Mas desmaiou — pela tua alma e a minha!

Vi-O depois, o Cristo moribundo!
Ungia o amor Suas frases derradeiras
quando vertia o sangue redentor.
Cheia Lhe foi a taça até às beiras,
ao retirar-Lhe o Pai o Seu favor.
E a morte tão cruel que O leva, enfim,
sofreu, bem sei, por ti e mim!

Vê-l'O-ei, porém — o soberano Cristo!
A fronte que de espinhos rodearam,
por coroa real será cingida.
O Rei que à cruz nejanya eles pregaram,
há-de reinar por toda a eterna vida.
As almas que salvou p'ra sempre o Céu aninha,
e entre elas se acharão a tua e a minha!

— Autor desconhecido